

45938
GUERRA JUNQUEIRO

A VELHICE

DO

PADRE ETERNO



EDITORIA
LIVRARIA MINERVA
LISBOA

GUERRA JUNQUEIRO

A VELHICE

DO

PADRE ETERNO



EDITORIA
LIVRARIA MINERVA
LISBOA



COMPRA

Q.178256

Q
5938

2



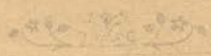
A' MEMORIA

DE

Guilherme d'Azevedo



L
45938



A. MIMMIA

DE

Guilherme d'Azavedo



4

A

Eza de Queiroz

INDICE

	PAG.
Aos simples	9
A vinha do Senhor	21
A Caridade e a Justiça	33
Parasitas	41
O Papão	43
Resposta ao Sillabus.	45
O Baptismo	09
Eurico.	51
A Arvore do Mal.	53
A Semana Santa.	59
A Barca de S. Pedro	63
Calembour.	87
Ladainha	89
Como se faz um monstro	93
A agua de Lourdes	101
O Dinheiro de S. Pedro	103
Antonelli	105
Ao nuncio Masella	107
Ladainha moderna	121
O Melro	125

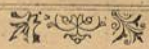
77

4

Circular	145
A benção da locomotiva.	151
A Hidra	153
A Valla commum.	157
Post-Scriptum	178
A Sésta do senhor abade	179
O Genesis	198
Fantasma.	203

140

31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300



Aos suplicas
A vinda do senhor
A Caridade e a Justitia
Parallax
O Pano
O speculo no Bistafano
O Rappam
Eunice
A Alvario do Alal
A Summa Santa
A Baroa de S. Pedro
Laisson
Laisson
Laisson
Como se faz um monstro
A zera de Lourdes
O Discurso de S. Pedro
Antonelli
Ao nuncio Massella
Ladaina moderna
O Bello



AOS SIMPLES

O' almas que viveis puras, immaculadas
Na torre do luar da graça e da illusão,
Vós que ainda conservaes, intactas, perfumadas,
As rosas para nós ha tanto desfolhadas
Na aridez sepulchral do nosso coração ;
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor,
Que faz rir um nectario ao pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor ;
Almas, onde resplende, almas, onde se espelha
A candura innocente e a bondade christã,
Como n'um céo d'Abril o arco da alliança,
Como n'um lago azul a estrella da manhã ;
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rança,
Vasos d'oiro contendo aberto um lirio santo,
Um lirio immorredoiro, um lirio alabastrino,
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino ;
Almas que atravessaes o lodo da existencia,

Este lodo perverso, iniquo, envenenado,
 Levando sobre a fronte o esplendor da innocencia,
 Calcando sob os pés o dragão do peccado ;
 Bemdictas sejaes, vós, almas que est'alma adora,
 Almas cheias de paz, humildade e alegria,
 Para quem a consciencia é o sol de toda a hora,
 Para quem a virtude é o pão de cada dia !
 Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo,
 Ficando sempre branca a sorrir e a cantar ;
 E tudo quanto em mim ha de bello ou de puro.
 — Desde a esmola que eu dou á prece que eu murmuro —
 E' vosso : fostes vós o meu primeiro altar.
 Lá da minha distante e encantadora infancia,
 D'esse ninho d'amor e saudade sem fim,
 Chega-me ainda a vossa angelica fragrancia
 Como uma harpa éolia a cantar a distancia,
 Como um véo branco ao longeinda a acenar por mim !

.

Minha mãe, minha mãe ! ai que saudade immensa,
 Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
 Cahia mansa a noite ; e andorinhas aos pares
 Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
 Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
 Era a hora em que já sobre o feno das eiras
 Dormia quieto e manso o impavido lebréu.
 Vinham-nos das montanhas as canções das ceifeiras,
 Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céu !...
 E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
 Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,

Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo a Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um allivio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as magoas...
Pelos miseros que entre os uivos das procellas
Vão em noite sem lua e n'um barco sem vellas
Errantes atravez do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vac,
Para toda a nudez um panno do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pae!...

.
.
A minha mãe faltou-me era eu pèquenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forcea um ramo d'oliveira!

O' crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horisonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão scintilla :
Tirae o corpo—e fica uma lingua de chamma...
Tirae a alma—e resta um fragmento d'argila.

E para onde vae esse clarão? *Mysterio...*
Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o craneo de Tiberio,
Quer tivesse aureolado a fronte de Joanna Darc.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz
Para o vicio que morre ovante sobre um throno,
Para o santo que expira inerte n'uma cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
N'um Deus que ha-de guardar por sua propria mão
N'uma jaula de ferro a alma de Lucusta,
N'um relicario d'oiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vcs peze,
E me julgueis talvez o maior dos atheus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
E uma só cathedral com um só bispo—Deus.

E muito embora a vossa egreja se contriste
E a excommunhão papal nos abraze e destrua,
A analyse é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exhumemos a fé d'esse montão de escombros,
Desentulhemos Deus d'essa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas fluctua;
A razão é do eó c esplendido pharol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

*
* * *

Mas, ai eu comprehendo os martyrios secretos
Do pobre camponez, já quasi secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de affectos,
A casa onde nasceu seu pae, e onde os seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Comprehendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, calignosa e fria
Atravessa a montanha á luz d'um facho ardente
E uma rajala vem alucinadamente
Apagar-lh'o c'o'a aza athletica e sombria,
Deixando-o fulminado e quazi sem sentidos
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone que explue ronco do sorvedeiro
E se enrosca furioso aos platanos partidos
A estrangulal-os, como uma giboia um toiro.

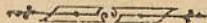
Comprehendo a agonia, o desespero insano
 Do naufrago na rocha, entre o abysmo do oceano,
 Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
 Como uma cordilheira herculea de montanhas,
 Com jaulas collossaes de bronze nas entranhas,
 E um domador lá dentro a chicotear trovões.

.

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,
 E' um Deus que para nós ha muito que está morto,
 E que inda imaginaes no' entretanto immortal.
 Vivei e adormecei n'essa crença illusoria,
 Já não podeis transpôr os mil annos da historia
 Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
 Vivei e adormecei n'essa illusão sagrada,
 Fitando até morrer os olhos de Jesus,
 Como o ephemero vão que dura um quasi nada,
 Que nasce de manhã n'um raio d'alvorada,
 E expira ao pôr do sol n'outro raio de luz.
 Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,
 Não é a que illumina as bandas do Porvir.
 Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera
 Que sustenta e dá inda um tom de primavera
 Aos velhos torreões gothicos a cahir.
 Sim, essa crença é um erro, uma illusão, é certo;
 Mas triste de quem vae pelo areal deserto
 Vagabundo, esfaimado e nú como Caim,
 Sem nunca ver ao longe os palacios radiantes
 D'uma cidade d'oiro e marmore e diamantes
 No chimerico azul d'essa amplidão sem fim!
 Quem ha-de arrancar pois do seu piedoso engaste

O vosso ingenuo ideal, ó tremulos velhinhos,
Se a chimera é uma rosa e a existencia uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos !
Quem vos ha-de cortar a flor da vossa esp'rança,
Quem vos ha-de apagar a angelica visão,
Se essa luz para vós é como uma creança
Que guia n'uma estrada um cégo pela mão !
Quem vos ha-de acordar d'esse sonho encantado ? !
Quem vos ha-de mostrar a evidencia cruel ? !
Ah ! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel !
O' velhos aldeões, exhaustos de fadiga,
Que andaes de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da vos'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar !
Oh, não ! guardae-a bem essa crença d'outrora ;
E' ella quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz d'um vergel inundado d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miseria canta.
Guardae-a sim, guardae ! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana esqualida e feroz,
A agonia será bem rapida e bem leve,
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve
Ha-de estender sorrindo as azas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o anjo que emballou vosso somno infantil,
E que hoje vem do céo mandado pelo Eterno,
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.

E ao pender-vos gelada a vossa fronte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,
Que Deus ha de beijal-o e aquecel-o no peito,
Como se acaso fosse uma pom'ba divina,
Que viesse cahir-lhe exanime na mão!





A VINHA DO SENHOR

I

Existiu n'outro tempo uma vinha piedosa
 Doirada pelo sol da alma de Jesus,
 Uma vinha que dava uns fructos côr de roza,
 Vermelhos como o sangue e puros como a luz.

Inundavam-n'a d'agua os olhos de Maria,
 E os virgens corações dos martyres, dos orentes
 Eram a terra funda aonde se embebia
 A mystica raiz dos pampanos virentes.

Produzia um licor balsamico, divino,
 Que aos cegos dava luz, aos tristes dava esp'rança,
 E que fazia ver na areia do destino
 A miragem feliz da bemaventurança.

Aos mortos restituia o movimento e a falla ;
 Escravisava a carne, as tentações, a dôr,
 E transformou em santa a impura de Magdala,
 Como transforma Abril um verme n'uma flôr.

Bebel-o era beber uma virtuosa essencia
Que ungia o coração de perfumes ideaes,
Pondo no labio um riso ingenuo de innocencia,
Como o d'agua a correr, virgem, dos mananciaes.

Dava um tal esplendor ás almas, tal pureza
Que nos Circos de Roma até se viu baixar
Diante da nudez das virgens sem defeza
Ao magro leão da Nubia o curuscante olhar.

II

Mas passado algum tempo a humanidade inteira
De tal modo gostou d'esse licor sublime,
Que o extasis christão tornou-se em bebedeira,
E o sonho em pezadello, e o pezadello em crime.

Nas solidões do claustro as virgens inflamadas
Co'as fortes atracções da mistica ambrozia.
Torciam-se febris, convulsas, desvairadas,
Meretrizes de Deus n'uma piedosa orgia.

E' que no vinho antigo ia á noite o demonio
Lançar co'a garra adunca uma infernal mistura
De mandragora e opio e helleboro e stramonio,
Verdenegro é viscoso extracto de loucura.

Quando uivava de noite o vento nas campinas
Via-se pela sombra, obliquo, Satanaz,
Colhando aos pés da forca ou buscando entre as ruinas
Hervas, vegetações, prenhes de essencias más.

Era o filtro subtil d'essas plantas de morte
Que fazia da alma um derviche incoherente,
Uma bussola doida á procura do norte
Uma céga a tatear no vacuo, anciosamente!...

E a taça do veneno estonteador e amargo
No funebre banquete ia de mão em mão,
Produzindo o delirio, a syncope, o lethargo
E em cada olhar sinistro uma cruel visão.

Uns viam a espectral sarabanda frenetica
De esqueletos a rir e a dançar com furor
Em torno á Morte podre, impudente, epileptica,
Com dois ossos em cruz rufando n'um tambor.

Outros viam chegado o pavoroso instante
Em que um monstro de fogo, um dragão areolito,
Dava na terra um nó e'oa cauda flammejante,
Arrebatando-a, a arder, atravez do infinito.

E então para fugir ao desespero e ao panico
Bebiam com mais ancia o filtro singular,
Até á epilepsia, ao turbilhão tetanico
Do sabat desgrenhado e erotico, a espumar!

E á força de beber o tragico veneno
Tombou por terra exhausta a humanidade emfim,
Como em Londres, de noite, ao pé d'um antro obscuro
Cae sob a lama inerte um bebado de gim.

III

Mas n'isto despontou a esplendida manhã
D'um mundo juvenil, robusto, afrodisiaco :
A Renascença foi para a embriaguez christã
A excitação vital d'um frasco de amoniaco.

E na vinha de Deus ainda florescente
Começou a nascer por essa occasião
Um bicho que enterrava escandalosamente
Nos pampas da crença as unhas da razão.

Propagou-se o flagello ; o mal recrudescceu ;
A colheita ficou em duas terças partes ;
Chega o oidium Lutero, o verme Galilen,
E cai-lhe o temporal de Newton e Descartes.

Em balde Carlos nove, Ignacio e Torquemada,
Catando esses pulgões das biblicas videiras,
Os entregam á roda, ao cadafalso, á espada,
Ou os queimam por junto aos centos nas fogueiras.

O estrago cada vez era maior, mais forte ;
Apezar da realza, o throno e a sachristia
Andarem sacudindo o enxofrador da morte
No formigueiro vil das pragas da heresia.

Por ultimo Voltaire — floxera invade
Essa encosta plantada outr'ora por Jesus,
E das cepas ideaes da escura meia idade
Ficaram simplesmente uns velhos troncos nús.

IV

Mas como havia ainda alguns consumidores
D'esse vinho que o sol deixou de fecundar,
Uns velhos cardeaes, habeis exploradores,
Reuniram-se em concilio a fim de os imitar.

E é assim que Antonelli, o verdadeiro papa,
O chimico da fé, um grande industrial,
Fabrica para o mundo ingenuo uma zurrapa
Que elle assevera que é o antigo vinho ideal.

Para isso combina os varios elementos
Que compõem esta droga: o nome de Maria,
Anjos e cherubins, infernos e tormentos,
Bastante estupidez e immensa hypocrizia.

Põe isto tudo a ferver, liga, combina, mexe,
E, filtrando atravez d'uns textos de latim,
Eis preparado o vinho, ou antes o campeche,
Que a saúde da alma hade arruinar por fim.

Mas como o paladar de muitos europeus
Quasi prefere já (horriavel impiedade!)
A' falsificação do vinho do bom Deus
O vinho genuino e puro da verdade;

E como já por isso, (assim como era d'antes)
A Igreja não nos queime e o rei não nos enforque,
A curia procurou mercados mais distantes,
O Japão, o Perú, a Australia e Nova York.

Os *comis-voyageurs* de Roma — os Lazaristas
Com as carregações vão através do oceano,
Por toda a parte abrindo os armazens papistas,
A fim de dar consumo ao vinho ultramontano.

Em cada igreja existe uma taberna franca
Para impingir a tal mixórdia, o tal horror,
Ou secca ou doce, ou velha ou nova, ou tinta ou branca,
Segundo as condições e a fé do bebedor.

Para Hespanha vão muito uns vinhos infernaes,
Um veneno explosivo e forte que produz
Um delirio tremente — o General Narvaes,
E um vomito de sangue — o cura Santa Cruz.

Portugal quer vinagre. A Italia quer falerno.
Veillot quer agua-raz que ponha a lingua em braza.
E John Bull, por exemplo, um pouco mais moderno,
Manda ao diabo a botica, e faz a droga em casa.

Ao povo, esse animal, que o Padre Eterno monta,
Como é pobre, coitado, então a Santa Sé
Fabrica lhe uma borra inerivel, muito em conta,
Um pouco de melaço e um pouco d'agua-pé.

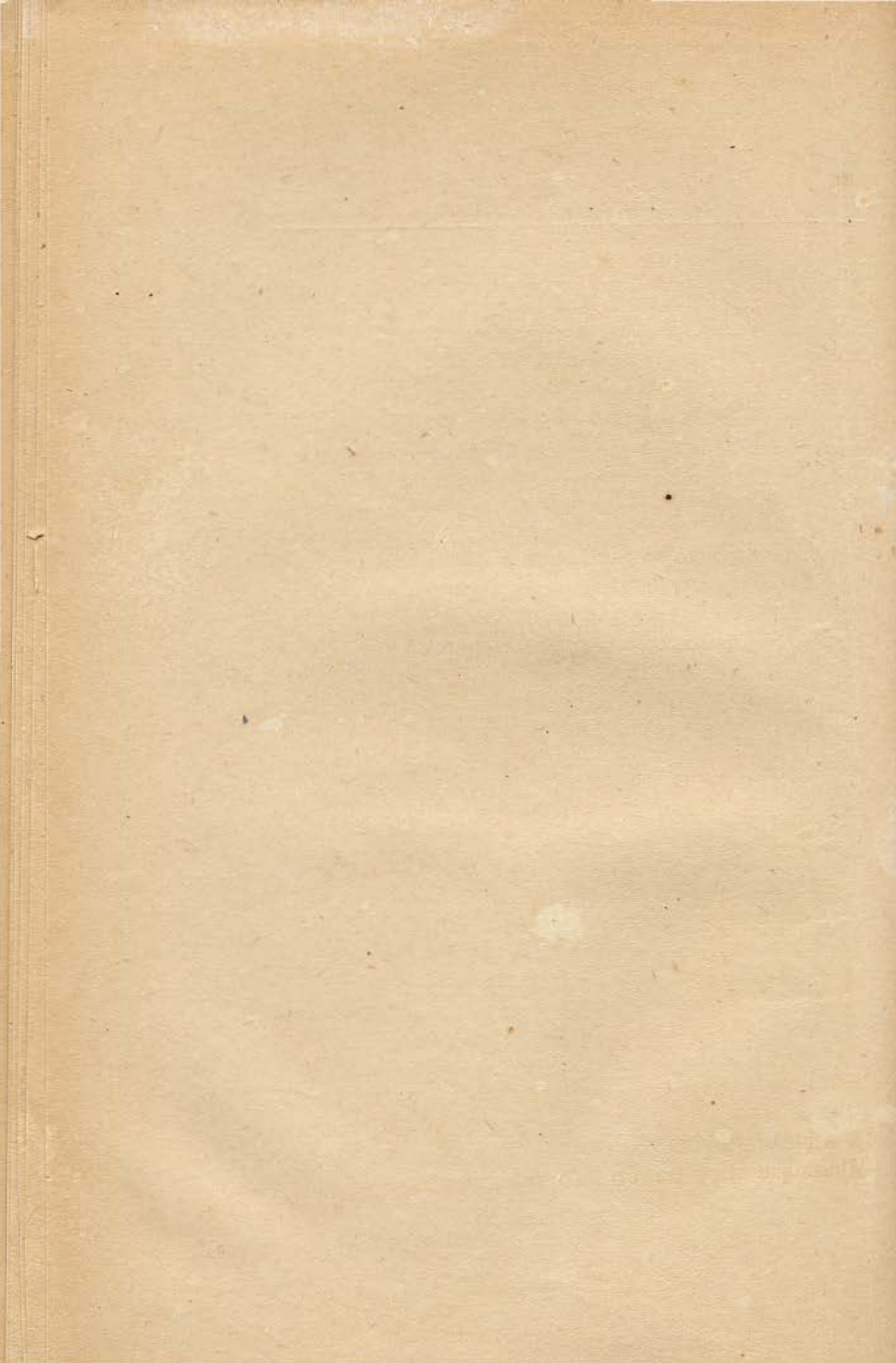
A fina flôr christã, a flôr altiva e nobre,
O rico sangue azul do bairro S. Germano,
Para quem o bom Deus é um gentil-homem pobre
A quem se dá de esmola alguns milhões por anno.

Essa como detesta os vinhos maus, baratos,
Como é de raça illustre e debil compleição,
Mandam-lhe um elixir que serve para os flatos,
Ou para pôr no lenço ao ir á communhão.

De resto ha quem, bebendo essa tisana impuã,
Sinta a impressão que outr'ora o nectar produzia.
São milagres da fé. Ditosa a creatura
Que no ruibarbo encontra o sabor da ambrosia.

E eu não vos vou magoar, ó almas cõr de rosa
Que inda achaes neste vinho o esquecimento e a paz!
Não insulto quem bebe a droga venenosa;
Accuso simplesmente o charlatão que a faz.







A CARIDADE E A JUSTIÇA

No topo do calvario erguia-se uma cruz,
E pregado sobre ella o corpo de Jesus,
Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas
Corriam pelo ar como grandes manadas
De bufalos. A lua ensanguentada e fria,
Triste como um soluço immenso de Maria,
Lançava sobre a paz das coizas naturaes
A merencoria luz feita de brancos ais.
As arvores que outr'ora em dias de calor
Abrigaram Jesus, cheias de magua e dôr,
Sonhavam, na mudez herculea dos heroes.
Deixaram de cantar todos os rouxinoes,
Um silencio pesado amortalhava o mundo.
Unicamente ao longe o velho mar profundo
Descantava chorando os psalmos da agonia.
Jesus, quasi a expirar, cheio de dôr, sorria.
Os abutres cruéis pairavam lentamente
A farejar-lhe o corpo; ás vezes de repente
Uma nuvem toldava a face do luar,
E um clarão de gangrena, estranho, singular,

Lançava sob a cruz uns tons esverdeados.
 Crucitavam ao longe os corvos esfaimados;
 Mas passado um instante a lua branca e pura
 Irrompia outra vez da grande nevoa escura,
 E inundavam-se então as chagas de Jesus
 Nas pulverisações balsamicas da luz.

No momento em que havia a grande escuridão,
 Christo sentiu alguém aproximar-se, e então
 Olhou e viu surgir no horror das trevas mudas
 O covarde perfil sacrilego de Judas.
 O traidor, contemplando o olhar do Nazareno,
 Tão cheio de desdem, tão nobre, tão sereno,
 Convulso de terror fugiu... Mas nesse instante
 Surgiu-lhe frente a frente um vulto de gigante,
 Que bradou :

—E' chegado enfim o teu castigo
 O traidor teve medo e balbuciou :

—Amigo,
 Que pretendes de mim ? dize, por quem esperas ?
 Quem és tu ?—

—«O Remorso, um caçador de feras,
 Disse o gigante. Eu ando ha mais de seis mil annos
 A caçar pelo mundo as almas dos tiranos,
 Do traidor, da ladrão, do vil, do scelerado ;
 E depois de as prender tenho-as encarcerado
 Na enormissima jaula atroz da expiação.
 E quando eu entro ali na immensa confusão
 De tigres, de leões, d'abutres, de chacaes,
 De rugidos febris e de gritos bestiaes,

Fica tudo a tremer, quieto de horror e espanto.
Caim baixa a pupilla e vai deitar-se a um canto.
E quando em summa algum dos monstros quer luctar
Azorrago-o co'a luz febril do meu olhar,
Dando-lhe um pontapé, como n'um cão mendigo.
Já sabes quem eu sou, Judas ; anda comigo ! »

Como um preso que quer comprar um carcereiro,
Judas tirou do manto a bolça do dinheiro,
Dizendo-lhe :

—Aqui tens, e deixa-me partir...

O gigante fitou-o e começou a rir.

Houve um grande silencio. O infame Iskariote,
Como um negro que vê a ponta d'um chicote,
Tremia. Finalmente o vulto respondeu :

« Judas, podes guardar esse dinheiro ; é teu.
O oiro da traição pertence-lhe ao traidor,
Como o riso á innocencia e como o aroma á flôr.
Esse oiro é para ti o eterno pesadello.
Oh ! guarda-o, guarda-o bem, que eu quero derretel-o,
E lançar-t'o depois caustico, vivo, ardente,
Lançar-t'o gota a gota, inexoravelmente
Em cima da consciencia, a pudrida, a execravel !
Com elle hei de fundir a algema inquebrantavel,
A grilheta que a tua esqualida memoria
Trará, arrastará pelas galés da Historia,
Durante a eternidade illimitada e calma.
Essa bolsa que ahi tens é o cancro da tua alma :

Já se agarrou a ti, ligou-se ao criminoso,
Como a lepra nojenta ao peito do leproso,
Como o iman ao ferro e o verme á podridão.
Não poderás jámais largal-a da tua mão !
E's traidor, assassino, hypocrita, perjuro ;
A tua alma lançada em cima d'um monturo
Faria nodoa. E's tudo o que ha de mais vil,
Desde o ventre do sapo á baba do reptil.
Sahe da existencia ! dize á sombra que te acoite.
Monstro, procura a paz ! verme, procura a noite !
Que o sol não veja mais um unico momento
O teu olhar obliquo e o teu perfil nojento.
Esse crime, bandido, é um crime que profana
Todas as grandes leis da vida universal.
Esconde-te na morte, assim como um chacal
No seu covil. Adeus, causas-me nojo e asco.
Deixo dentro de ti, Judas, o teu carrasco !
E's livre ; adeus. Já brilha o astro matutino,
E eu, caçador feroz, cumprindo o meu destino,
Continuarei caçando os javalis nos matos.»

E dito isto partiu a procurar Pilatos.

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada.
Judas, ficando só, meteu-se pela estrada,
Caminhando ligeiro, impavido, terrível,
Como um homem que leva um fim imprescriptível
Uma ideia qualquer, heroica e sobranceira ;
De repente estacou. Havia uma figueira
Projectando na estrada a larga sombra escura ;
Judas, desenrolando a corda da cintura,

Subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso,
Dando um laço á garganta. O seu olhar odioso
Tinha n'esse momento um brilho diamantino,
Recto como um juiz, forte como um destino.

N'isto echoou atravez do negro céo profundo
A voz celestial de Jesus moribundo,
Que lhe disse :

—Traidor, concedo-te o perdão.

Além de meu carrasco és inda o meu irmão.
Pregaste-me na cruz ; é o mesmo, fica em paz.
Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz.
Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrificio.
Não te cause remorso o meu atroz suplicio,
Estes golpes crueis, estas horriveis dores.
As chagas para mim são outras tantas flôres !

Judas fitou ao longe os cerros do calvario,
E erguendo-se viril, soberbo, extraordinario,
Exclamou :

—« Não aceito a tua compaixão.

A Justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdôa. A justiça é implacavel.
A minha acção é infame, hedionda, miseravel ;
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos Farizeus.
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus,
Vais vêr como esse monstro, ó pobre Christo nu,
E' maior do que Deus, mais justo do que tu :
A' tua caridade humanitaria e doce,
Eu prefiro o dever terrivel ! »

E enforcou-se.



O PAPÃO



As creanças têm medo á noite, ás horas mortas
Do papão que as espera, hediondo, atraz das portas,
Para as levar no bolso ou no capuz d'um frade.
Não te rias da infancia, ó velha humanidade,
Que tu tambem tens medo ao barbaro papão,
Que ruge pela boca enorme do trovão,
Que abençoa os punhaes sangrentos dos tyranos,
Um papão que não faz a barba ha seis mil annos,
E que mora, segundo os bonzos têm escripto,
Lá em cima, de traz da porta do Infinito.





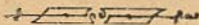
PARASITAS

No meio d'uma feira, uns poucos de palhaços
 Andavam a mostrar em cima d'um jumento
 Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,
 Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magros histriões, hypocritas, devassos,
 Exploravam assim a flor do sentimento,
 E o monstro arregalava os grandes olhos baços,
 Uns olhos sem calcr e sem intendimento.

E toda a gente deu esmola aos taes ciganos;
 Deram esmola até mendigos quasi nús.
 E eu, ao ver este quadrc, apóstolos romanos,

Eu lembrei-me de vós, funambulos da Cruz,
 Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos
 Exhibindo, explorando o corpo de Jesus.





RESPOSTA AO SILLABUS

Fanaticos, ouvi as coisas que eu vos digo :

Dentro d'essa prisão cruel do dogma antigo
 A consciencia não pôde estar paralisada,
 Como n'um velho eatre uma velha entrevada.
 Tudo se modifica e tudo se renova :
 Da escura podridão nojenta de uma cova
 Sae uma flôr vermelha a rir alegremente.
 A ideia tambem muda a pel' como a serpente.
 O que era hontem grão é hoje a seara immensa.
 A Verdade sahiu d'esse casulo—a Crença,
 Assim como sahiu do velho o mundo novo.
 Recolher outra vez a aguia no seu ovo
 E' impossivel ; quebrou o involucro ao nascer.
 Como é que pôdes tu ó Egreja, pretender,
 Cerrando na tua mão um box enorme—o inferno,
 Levar aos encontrões o espirito moderno,
 Leval-o para traz, para o passado escuro,
 Como um bandido leva um homem contra um muro ?!
 Atrajectoria immensa e fulva da verdade

Não se pôde suster com a facilidade
 Com que Jusué susteve o sol no firmamento.
 Atirar a justiça, a ideia, o pensamento
 A's fogueiras da fé, ó bonzos, é impossivel :
 Reduzirdes a cinza o que ? O incombustivel !
 Loucos ! Ide dizer ao velho Torquemada
 Que queime se é capaz n'um forno uma alvorada !
 Sacristas,
 Ajuntae, reuni os balandraus papistas,
 As fardas sepulcraes do exercito da fé,
 A capa de Tartufo, a loba de Claret,
 A cogula do monge, emfim, tudo que seja
 Côr da noite ; arrancae o velho crepe á igreja,
 Dos caixões descosei os panos funerarios,
 Tisnae co'a vossa lingua as alvas e os sudarios,
 E se inda precisaes mais sombras, mais farrapos,
 Pedi ao corvo a aza, o ventre immundo aos sapos,
 Fabricae d'isto tudo uma cortina immensa,
 E tapando com ella o sol da nossa crença,
 Nem mesmo assim fareis o eclipse da aurora !
 A consciencia não é a besta d'uma nora.
 Lembrai-vos que o Progresso é um carro sem travão,
 E que apagar em nós o facho da razão
 E' o mesmo que apagar o sol quando flameja
 Com um apagador de lata d'uma igreja.

Bonzos, podeis dizer á humanidade — Pára !—
 Co'a foice excomunhão podeis ceifar a ceara
 Da heresia ; podeis, segundo as ordenanças,
 Metter pedras de sal na boca das creanças,
 Fazer do Deus do amor o Deus barbaridade,

Chamar á estupidez irmã da caridade
E jesuita a Jesus e Christo a Carlos sete ;
Vós podeis disentir junto da campá o frete,
Recoveiros de Deus, o frete que é preciso
Para irdes levar lá cima ao paraiso
A alma d'um defunto ; ó bonzos, vós podeis
Ir pedir emprestado um exercito aos reis
E defender com elle o papa, o vaticano,
Do cerco que lhe faz o pensamento humano,
Pondo adiante d'um dogma a boca d'um canhão ;
Podeis encarcerar dentro da inquisição
Galileu ; vós podeis, anões, eontra os ciclopes
Roncar latim, zurrar sermões, brandir hyssopes,
Que não consôguireis que a Liberdade vista
A batina pingada e rota d'um sacrista,
Que o direito se ordene, e que a Justiça queira
Ir a Roma tomar, contricta, o véo do freira l



O BAPTISMO

Exeat de vobis spiritus malignas.

RITUAL.

Baptisaes : arrancaes d'um anjo um satanaz.
 Desinfectaes Ariel banhando-o em aguarraz
 De egreja e no latim que um malandro expectora,
 Dizeis á noite : --- limpa a tunica da aurora,
 E ao rouxinol dizeis : — pede a benção da c'ruja.
 Daes os lirios em flôr ao rol da roupa suja,
 Representaes a farça estúpida e sombria
 D'um conego a lavar um astro n'uma pia,
 Finalmente extrahis da innocencia o pecado,
 Que é o mesmo que extrahir d'uma rosa um cevado,
 E tudo isto porque ?

Porque na biblia um mono
 Devora uma maçã sem licença do dono !



EURICO

Cod. civil art. 1057 e 4031

Eurico, Eurico, ó pallida figura,
Lastimoso, romantico levita,
Que nos serros do Calpe em noite escura
Ergues as mãos á abobada infinita ;

Rasga a pagina santa da Escriptura ;
O espirito de luz que em nós habita
Já não consente essa ideal loucura
Que faz do amor uma paixão maldita.

Deixa a soidão dos montes escalvados ;
Não soltes mais os threnos inflamados,
Nem tenhas medo ás garras do demonio.

Beija a Hermengarda, a tímida donzella.
E vai de braço dado tu e ella
Contrahir civilmente o matrimonio.



A ARVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragancia
 Dos mirtos, dos rosaes,
Viviam n'uma doce e n'uma eterna infancia
 Nossos primeiros paes.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
 Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
 Das coisas ignorantes.

Poz Deus n'esse jardim com sua mão astuta
 Ao lado da innocencia
A Arvore do Mal que produzia a fructa
 Venenosa da sciencia.

E, apezar de conter venenos homicidas
 E o germen do peccado,
Era Deus quem comia á noite, ás escondidas,
 Esse fructo vedado.

Por isso Jehovah tinha sciencia infinda,
 Tinha um poder secreto,
 E Adão que não provara os fructos era ainda
 Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o bello fructo impuro,
 O fructo da Rasão.
 N'esse instante sublime Eva tinha o Futuro
 Na palma da sua mão!

O homem, abandonado a submissão covarde,
 Viu o fructo e comeu.
 Esse fructo é a luz que a Jupiter mais tarde
 Roubará Prometheu.

E ao vêr igual a si a estatua que creara,
 O homem reprobó e nu,
 Jehovah exclamou: «Maldita seja a seara
 cuja semente és tu!»

Veio depois a Igreja e repetiu aos crentes
 De toda a humanidade:
 «Maldito seja sempre o que enterrar os dentes
 Nos fructos da Verdade!»

A Igreja permittia esse vedado pomo
 Sòmente aos sacerdotes.
 Da arvore do mal fugia o mundo, como
 Os lobos dos ar (Lobo).

Se o sabio que buscava o oiro nas retortas
la como um ladrão
Roubar timidamente, á noite, ás horas mortas
Algum fructo do chão,

Tiravam-lhe da boca esse fructo damninho
D'uma maneira suave :
Atando-lhe á garganta uma corda de linho
Suspensa d'uma trave.

Um dia um visionario, alma vertiginosa,
Espirito immortal,
Foi deitar-se, que horror ! á sombra temerosa
Da Arvore do Mal.

A Igreja ao vêr aquella intrepida heresia
Lança-lhe excomunhões ;
Tomba por terra um fructo... e Newton descobria
A lei das atracções !

Sacudi, sacudi, a arvore maldita,
Que os astros tombarão,
Como se sacudisse a abobada infinita
Deus com a propria mão !

E quando o mundo inteiro emfim houver comido
Até á saciedade
O fructo que lhe estava ha tanto prohibido,
O fructo da Verdade,

Homens, dizei então a Jehovah :—«Tirano,

«Vai-te embora d'aqui !

«Construimos de novo o paraiso humano ;

Fizemol-o sem ti.

«Expulsaste do Olimpo a humanidade outr'ora,

«O' despota feroz ;

«Pois bem, o Olimpo é nosso, e Jehovah, agora

«Expulsamos-te nós !



A SEMANA SANTÁ.

I

Não podendo dormir no horror da sepultura,
 Na podridão escura
 Da terra immunda e fria,
 Voltaire despedaçando o feretro chumbado,
 E cingindo o lençol ao corpo esverdeado
 Resuscitou um dia.

Pairava-lhe no labio o riso fulminante
 Com que outr'ora gravou nas crenças virginaes,
 Como n'um rico espelho a aresta d'um diamante,
 Tamanhas abjecções, sarcasmos tão brutaes.
 Mas era ao mesmo tempo o riso heroico e bom
 Que os tiranos prostrava em misero desmaio,
 Riso a que succedeu o verbo de Danton,
 Como a um trovão succede o lampejar d'um raio.
 Dormira febrilmente um longo somno inquieto
 Em quanto andava o mundo a executar-lhe os planos,
 E vinha ver enfim, diabolico architecto,

O estado da sua obra ao cabo de cem annos,
O' satiro divino, ò monstro da ironia,
Genio que Deus conduz e Satanaz impelle,
Que esmagas hoje o *infame*, e escreves no outro dia
Com a tinta do enxurro os versos da Pucelle ;
Tu és feito de luz e feito de baixesas,
Feito de heroicidade e de protervias más ;
Corromperam-te a alma os braços das duquezas
E encarguilhou-te a face o rir de Satanaz.
Rasgas ao mundo novo a estrada do futuro
Cantando ao mesmo tempo o sordido deboche :
E's como um Juvenal dentro d'um Epicuro,
O' arlequim-titan, ó semi-deus-gavroche.
N'esse labio mordente esse sorriso eterno
Faz frio como a ponta aguda d'uma espada ;
O teu genio, Voltaire, é como o sol do inverno,
Dá muitissima luz, mas não aquece nada.
Em vão por sobre a paz dos campos desolados
Elle entorna do azul sens vivos esplendores ;
Não cantam rouxinoes nas sebes dos vallados,
Não faz nascer o trigo e germinar as flores.
E' que nunca soubeste o que é a dôr profunda
Que estaila fibra a fibra os grandes corações ;
E' que nunca choraste, ó Prometheu corcunda,
Como Dante chorou, como chorou Camões.
Voltaire, ó rachador de velhos preconceitos,
Aos golpes de teu riso, a golpes de machado
Cairam sobre a terra athleticos, desfeitos
Na floresta da noite os cedros do passado.

Mataste a tradição, o dogma, o privilegio,
Assobiaste a rir a fé de nossos paes,
E andaste pelo azul, hediondo sacrilegio!
A correr á pedrada os deuses immortaes.
Empunhando o alvião terrível da verdade
Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente
O alicerce de bronze á velha sociedade.
Do teu riso cruel a onda dissolvente
Foi como os vagalhões, arietes do mar,
Que cavam sob a rocha um tão profundo abismo
Que a rocha fica quasi assente sobre o ar.
Tu minaste, Voltaire, a rocha despotismo.
E depois de ter feito a excavação noturna,
Como fazem no monte as feras sanguinarias,
Encheste até á bocca essa medonha furna
Com barris de petroleo e bombas incendiarias.
E em quanto o niveo pé soberbo de Antonieta
Da França estrangulava a suplicante voz,
Tu lançavas de longe a tragica luneta,
Velho Fauno cruel, rindo com riso atroz.
Até que um dia enfim exausto de cansaço,
Sentindo já sem força as garras de condor,
Tu chegaste, Arouet, sem te tremer o braço,
Ao rastilho da mina o fogo abrasador.
Cobriu-se então o azul d'uma tormenta escura,
Echoou lugubrememente o estrondo de trovão,
Viste arder o rastilhô até uma certa altura,
E foste te esconder, a rir, na sepultura
Mal se ia aproximando a hora da explosão.

Quando resuscitou Voltaire ficou atonito
 Vendo os nossos chapéus e as nossas calças pretas,
 Mas como desejava andar no mundo incognito,
 E não lèr o seu nome impresso nas gazetas,
 Oh, a necessidade a quanto nos obriga !
 Voltaire o diplomata, o cortezão taful
 Largou a juba d'oiro, a cabelleira antiga
 E foi vestir-se á moda aos armazens do Pool.
 Na sexta feira santa os templos percorria
 Voltaire para observar os crentes verdadeiros
 No dia da paixão, no luctuoso dia
 Em que se faz de Christo o deus dos confeitores.
 Aronet, ao vêr aquella estúpida farçada,
 Foi acordar Jesus na sua campa ignorada
 E disse-lhe :

II

— « Anda vêr ó Christo estes bandidos.
 Que rostos tão floridos,
 Que bellas digestões !

O' pallido Jesus, ò scismador antigo,
 Levanta-te da campa e vem d'ahi commigo
 A vêr estes ladrões.

Nós vamos passeiar juntos, de braço dado,
 Mas vestirás primeiro um frak bem talhado
 De fino pano inglez,
 E hasde pôr na cabeça este chapéu redondo,
 Para ficar gentil, para ficar hediondo
 Como qualquer burguez.

Tu odeias de certo estas casacas pretas,
Mas não quero, Jesus, que tu me compromettas
Com esse balandran muitissimo ratão.
Se eu fosse ao boulevard contigo e alguém me visse,
Ninguem oh, flôr do tom ! ninguem, oh canalhice !
Me apertaria a mão.

O talhe d'um colete e os pontos d'uma luva,
A menor frioleira, um simples guarda chuva,
Substituiram hoje as regras de Lavater :
Passando eu por accaso enodado e roto,
Diriam : «Que chapéu ! que pulha ! que maroto !
Aquelle homem não tem nem sombras de character ! »

Anda, veste a farpella. Agora, sim senhor !
Muito grotesco és, meu pobre Redemptor !
Vais a comprometter-me, ó alma do Diabo !
Que figura infeliz, inteiramente chata !...
Pelo menos corrige o laço da gravata
E põe na *boutoniere* este jasmim do Cabo.

Necessitas de ter maneiras delicadas
E a arte de dizer uns pequeninos nada
Com chic e distineção. Ser Deus é muito bom ;
Mas é preciso ser um deus da fina roda,
Um deus do nosso tempo, um deus da ultima moda,
Um deus *petit-crevé*, um deus á *Benoiton*.

Se amanhã por acaso a'lguem, medita n'isto,
Te fosse apresentar—Sua Ex. o Christo—
Nos devotos salões do bairro São-Germano,
Oh escandalo! oh farça! oh padre omnipotente!
As duquezas, sorrindo aristocratamente,
Achavam-te decerto um Deus provinciano.

Saiamos para a rua. A gente anda de lucto,
Porque consta que outr'ora un visionario, un bruto,
Se deixara morrer pregado n'um madeiro.
E hoje em memoria d'isto os paes compram ás filhas,
Tres caixas de pastilhas
Na loja d'um doceiro.

Quanta mulher formosa ahí nesses balcões!
Que lindas tentações,
Meu palido judeu!
Deixa por um instante as regiões serenas;
Namora estas pequenas,
Que ellas hão de gostar do teu perfil hebreu.

Arranja um casamento e aprende a ter juizo.
A noiva pouco importa; o dote é que preciso
Discuttil-o. Olha lá, os paes que sejam velhos!...
Que vá para o diabo o reino da Utupia!
E hãode-te nomear socio da academia
E, quem sabe! talvez barão dos Evangelhos.

Penetremos na igreja a vêr esta farçada.
Uns entram para vêr a casa illuminada,
Os dandys é por *chic*, os velhos por *decôro* ;
Estes é para ouvir tocar umas quadrilhas,
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas,
Para matar o tempo ou arranjar namoro'

Lá vai o pregador dizer a seremonata
Tussiu cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata
E começa a fallar. Tem uns bonitos dentes.
E com gesto facundo e voz amaneirada
 Receita una enfiada
 De tropos excellentes.

Acabou se. O auditorio
Gostou do farelorio
Como gostámos nós.

Soltam-se exclamações por entre algum rumor:
— *Muito bem! muito bem!* — *E' um grande pregador!* —
— *Foi um rico sermão!* — *E que bonita voz!*

E é esta a tua casa, ó meu pobre Jesus!
 Não te bastou a cruz;
 Era preciso o altar,
Que destino cruel, que tragica ironia!
 Nasces na estrebaria,
 Vives no lupanar!

Desfila pela rua immensa multidão.

Saiu a procissão ;

Paremos um instante. E' curioso isto.

Que farças imbecis, que velhas pompas mudas !

Lá vae pegando ao palio o teu amigo Judas,

Que está, como tu vês, commendador de Christo !

Os anjos theatraes caminham lentamente

Com azas de galão feitas expressamente

Nas lojas de Pariz.

Pobres anjos do céo ! querem martirisa-los :

Vão cheios de suor e apertam-lhe os calos

As botas de verniz.

Agora passas tu n'um palanquim bordado.

Coldado !

Muito trabalho tem quem faz religiões !

Repara como vais, olha que bella tunica :

E' pavorosa, é unica !

Off'receu-t'a um burguez n'um dia de eleições.

E atraz do velho andor e atraz das velhas opas

Vão desfilando agora os esquadrões das tropas

Com gesto marcial.

Tu que amavas os bons, os simples e as creanças,

Seguido como os reis d'um matagal de lanças,

Meu pobre general !

Terminou a função. E' negro o firmamento.

Ai que aborrecimento !

O' meu Jesus, que tedio !

Para poder dormir, para poder ceiar,

Que hade a gente fazer ? vamos ao lupanar,

Não ha outro remedio.

Alli tens, meu amigo, os conegos vermelhos .

Que rostos joviaes, brunidos como espelhos,

Que riso debochado e gesto vinolento !

E á noite, a esta hora, uns padres sem batinas

De certo não virão pregar ás concubinas

O 6.º mandamento !

Os teus guardas fieis depois da procissão,

Já roucos de cantar um velho cantochão,

Deixaram-te no templo abandonado e só.

Uns vieram beijar as carnes prostituídas,

E os outros foram lêr no quarto, ás escondidas,

Romances de Bellot.

E como a noite é linda ! a branca lua passa,

Ostentando na frente a pallidez devassa

D'uma infeliz mulher.

Quando tudo fermenta e tudo anda de rastros

Já não deve admirar que a siphilis chegue aos astros

E precisem tambem xarope de Gibert !

Meu Pae, vamos ceiar. E' quasi madrugada ;
E' a hora do tom, a hora consagrada
Para os ricos festins á viva luz do gaz.
E' a hora da morte, a hora do atahude,
E a mesma em que repouisa a candida virtude
Nos braços de Faublas.

Anda. não tenhas medo, entra no restaurante.
A sala está repleta. A purpura brilhante
Dos desejos inflama os sonhos tentadores.
O champanhe sacode os craneos embriagados,
E os crimes sensuaes e os vicios delicados
Rompem n'um turbilhão de venenosas flôres.

O punch, illuminando as faces cadavericas,
Faz-nos imaginar as saturnaes chimericas
Que á noite deve haver na *morgue* de Paris,
Aonde as cortezãs, mais roxas que as violetas,
Ao luar cantarão as verdes cançonetas
Das podridões gentis.

Volteiam pelo ar os ditos picarescos,
Elasticos, febris, doidos, funambulescos,
Como gnomos de luz vestidos de histriões,
Dançando, tilintando os guisos argentinos,
Fazendo á luz do gaz tregeitos libertinos
Com o riso cruel das hallucinações.

Ceitemos. Manda vir as coisas que preferes ;
E que nos vão buscar duas ou tres mulheres,
Que as ha perto d'aqui ;
O mais, pede por boca, o meu divino mestre ;
Mas escuta, olha lá, não peças mel silvestre,
Porque já se não usa e riem se de ti.

E agora é destampar a rubra fantasia !
Bebe, pragueja, ri, inventa, calumnia,
Anda ! mostra que tens espirito, ladrão !
Não quero vêr chorar os olhos teus constrictos ;
Sê canalha com graça, infame com bons ditos,
Vamos, semsaborão !

Conta-nos em voz alta historias bem galantes,
Segredos irritantes,
Vergonhas sensuaes,
Adulterios da moda, escandalos, miserias,
Tudo isto, já se vê, com optimas pilherias,
Bastante originaes.

Tu precisas perder esse teu ar de adventicio
E um certo horror ao vicio,
D'um pedantismo ignaro ;
Formosura sem vicio ó coisa que não tenta ;
O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta,
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Conversemos, alegre a tua fronte augusta.
Sê espirituoso, inventa, o que te custa!
Uma infamia qualquer muitissimo engenhosa...
Tens um amigo? bem, vamos calumniar-o;
Tens amantes? melhor, eu dou te o meu cavallo
E dás-me a mais formosa.

Parece que o rubor te vai subindo ás faces...
O' Filho, não me masses!
O' Filho, tem piedade!
Deixa-te de sermões; no fim de contas eu
Sou muito bom christão... um pouquinho atheu,
Como um christão qualquer da fina sociedade.

Saíamos; rompe a aurora. A burguezia dorme,
Como a gibóia enorme
Que resona, depois de devorar um toiro;
O' gibóia feliz, ó burguezia b' pança,
Dorme com segurança
Que a força está de guarda aos teus bezerros d'oiro.

E chama-se Progresso, ó Deus, esta farçada!
Isto é o cinismo alvar e em pêllo, à desfilada,
E' a prostituição ignobil da mulher,
São desejos brutaes, é carne em plena orgia,
Emfim a saturnal da podre burguezia.
Que resa como o papa e ri como Voltaire.

Morrendo o velho Deus, o velho Deus tirano,
Este mundo burguez, catholico-romano
Encontrou-se sem fé, sem dogma, sem moral;
A justiça era elle o Padre-omnipotente;
Esse Padre morreu; ficou nos simplesmente
Um unico evangelho — o codigo penal.

A consciencia humana é um monte de destroços.
Foram-se as orações, foram-se os padres-nossos,
Tombou a fé, tombou o céu, tombou o altar;
E o velho Deus-castigo e o velho Deus-receio
E' simplesmente um freio
Para conter a raiva á besta popular.

A crassa burguezia, essa recua fradesca,
Opipara, animal, silenica, grotesca,
Namora a Deuza-carne, e adora o Deus-milhão;
E as almas, fermentando assim n'esta impureza,
Resvalam sensuaes do leito para a meza,
Da meza para o chão.

Vendem-se a peso d'oiro as languidas donzellas,
Mais torpes que as cadellas,
Que ao menos dão de graça o libertino amor,
E o Dever, a Saude, o Justo, o Verdadeiro,
Esses ricos metaes fundem-se no brazeiro
D'um sensualismo espresso, atrcz, devorador.

A agiotagem, a bolsa, a cotação dos fundos,
 E' o principio rei dominador dos mundos,
 E' um sangue vital, forte como o cognac.
 Engordae, engordae ó bravos *homens serios*,
 Que servis para dar esterco aos cemiterios
 E musica a Offenbæk.

A vergonha morreu, a dignidade foi-se.
 O mundo official è um vergonhoso alcoice,
 E a plebe tripudiando em horridas orgias
 Lança sobre o Direito um pustulento escarro,
 E acende, cambaleando, a ponta do cigarro
 Na fogueira que abrasa o Louvre e as Tulherias.

A familia é um bordel. Os leitos sensuaes
 São verdadeiramente esgotos seminaes,
 Eroticas latrinas,
 Onde entre o tumultuar d'um debochado goso
 Se fabrica de noite o sangue escrofuloso
 Das raças libertinas.

Calemo-nos. Eu oiço as ferraduras de Argus.
 E' a Ordem e a Lei ; correm a trotes largos,
 Vêm n'esta direcção, esconde-te, Jesus !
 Metamo-nos aqui n'um beco, anda ligeiro !
 Que, se sabem quem és, meu velho petroleiro,
 Mandam-te pendurar segunda vez na cruz.

E agora, Filho, adeus. Eu vou dormir um pouco,
E tu, meu pobre louco,
Descança inda que seja um breve quarto d'hora ;
Tingem-se de vermelho as bandas do Oriente,
E' hoje a Alleluia, e necessariamente
Tens de resuscitar logo ao romper d'aurora.

Eu mais feliz que tu, simples mortal que sou,
Eu, meu amigo, vou
Dormir até que chegue a hora do jantar.
Adeus, e resuscita apenas surja o dia ;
Se queres vem dormir á minha hospedaria,
Que eu mando-te acordar.»

E Arovet partiu, soltando uma cruel risada.
E Jesus ficou só na noite desolada,
N'aquella colossal Babilonia impudente,
Entre quatro milhões de almas—quatro milhões
De tigres, de reptis, de abutres e de leões
Agachados na sombra ameaçadoramente !...

Quem a visse do alto essa Londres deserta
Com a fosforencia esmerecida, incerta
Da luz do gaz a arder sob um céu tumular,
Julgaria estar vendo um grande monstro escuro,
Como que um Leviatham putrido n'um monturo
Immenso a fermentar.

A noite era sinistra. Os ventos a galope
Resfolegavam como as forjas d'um ciclope
Com uivos de alienado e rugidos de feras,
E o mar bramia ao longe athletico, espumante
Qual marmitta profunda a ferver trovejante
Sobre cem mil crateras.

E Christo foi andando errante, vagabundo
A travez dessa vasta imperatriz do mundo,
Opulenta Gomorra hidropica de vicio,
Que Deus não enxofrou talvez, como costuma,
Porque além de estar caro o enxofre, Deus em suma
Já não pode arruinar-se em fogos de artificio.

E elle ia vendo os mil palacios portentosos
Onde a besta feliz dormia, ebria de gosos,
Um inefavel somno,
Em quanto que a miseria anonima, esfaimada
A's tres da madrugada
Disputava o jantar no enxurro aos cães sem dono.

As altas cathedraes, aonde a borguezia
Vai arrotar um pouco á missa do meio dia,
Tinham como que o ar d'um theatro fechado
O aspecto mercantil d'um armazem colosso,
Em que Deus ao balcão vende os dogmas por grosso
E o céu por atacado.

Os bancos, Pantagruéis do milhão, monumentos
De marmore e granito e bronze, somnolentos
Molochs, cuja pança obesa é um matadouro,
Na virtuosa paz de monstros em descanso
Digeriam de manso
Nos seus ventres de ferro um Himalaia d'oiro.

Nos mundos hospitaes, onde emfim a desgraça
Tem a consolação de agonisar de graça,
Santos, monstros, heroes, — Tropmans, Valgeans, Phrinés —
Anciavam no estertôr do tranze derradeiro,
— Lixo que um bonzo vae entregar a um coveiro
Para o calcar aos pés.

E era aquella immundicie humana a humanidade !
Tinha valido bem a pena na verdade
Pregado n'uma cruz morrer como um ladrão,
Para ao cabo de dois mil annos vir achar
Pilatos sob o throno e Caifaz sobre o altar
De diadema na fronte e baculo na mão !

Arrazou-se de pranto o olhar do Nazareno,
Aquelle olhar profundo, aquelle olhar sereno
Que outr'ora deu alivio a tantos corações,
E a linha virginal do seu perfil suave
Turbou-se, apresentando o aspecto mudo e grave
Daz nobres afflições.

E marmoreo, espectral, com a fronte sombria
 Banhada no suor sangrento da agonia
 Foi deitar-se outra vez na leiva tumular,
 Athleta que expirou tranzido de mil dôres
 E quer dormir, dormir entre aservas e as flores
 Onde escorre piedosa a branca luz do luar.

E quando a christandade á volta do meio dia
 Correu ao templo a ver o entremez da Alleluia,
 Em lugar d'um Jesus banal de ciclorama
 Subindo ao firmamento,
 D'olhos azues n'um céu d'anil, tunica ao vento,
 Sobre nuvens de gloria, de algodão em rama,

Viu-se na tela um Christo em furia, um visionario,
 Truculento, febril, colerico, incendiario,
 Como que um salteador fugido das galés,
 Na bôca uma blasfemia e no olhar um archote,
 Expulsando da egreja os christãos a chicote
 E expulsando do altar o papa a pontapés!





A BARCA DE S. PEDRO

Na barca de S. Pedro ex-santo, hoje banqueiro,
São tantos os caixões com bulas da cruzada,
E tanto o oiro em barra, as joias, o dinheiro,
O navio é tão velho e a carga é tão pesada;

Os aneis, os setins, as purpuras, as rendas,
As mitras d'oiro fino, os bentos, as imagens,
As pratas, os cristaes, os vinhos, as ofrendas,
Os meninos do côro, os famulos, os pagens;

O macisso tropel de conegos vermelhos,
De sacristas, bedeis, archeiros, missionarios,
E o damasco, o velludo, os bronzes, os espelhos,
o silabus, a curia, as fórcas, os rosarios;

As pipas e os toneis com aguas milagrosas,
Que ainda causam hoje o mais profundo assombro;
Dos velhos cardeaes as cortezãs formosas,
E o cura Santa Cruz de bacamarte ao hombro;

Esta orgia pagã, esta riqueza immensa
Atulham de tal forma a barca ultramontana,
E' tão desenfreado o vento da descrença,
E o mar é tão revolto, a carga é tão mundana ;

Que a barca do senhor, outr'ora dirigida
Por doze galileus descalços, quasi uns,
Ella que atravessava o grande mar da vida
Tendo só por farol os olhos de Jesus ;

A barca que atravez do horror da tempestade,
Arvorando no mastro o pavilhão da Esp'rança,
Levava os corações de toda a cristandade
Ao grande porto ideal da Bemaventurança ;

Hoje ao peso cruel d'este deboche hediondo
Essa barca da Igreja, esse colosso antigo
Sossobrará, o Deus, com pavoroso estrondo,
Indo dormir ao pé dos *galeões de Vigo*.



LADAINHA

S. IGNACIO

Bemdicto quem nos dá o pão de cada dia.

CORO DE SANTOS

Bemdicta a Estupidez, bemdicta a Hipocrisia.

S. IGNACIO

Bemdicta seja a forza erguida sobre o mundo.

CORO de SANTOS

Bemdicto Carlos sete e D. Miguel segundo.

S. IGNACIO

Bemdicto seja o tigre e o lobo carniceiro.

CORO DE SANTOS

Bemdicto seja el-rei D. João terceiro.

S. IGNACIO

Bemdictas sejaes vós, ovelhas de Maria.

CORO DE SANTOS

E mais a vossa lâ, e mais quem n'a tosquia.

S. IGNACIO

Bemdictos os chacaês, bemdictas as toupeiras.

CORO DE SANTOS

E a lingua da verdade e as linguas das fogueiras.

S. IGNACIO

Bemdictos os febris venenos orientaes.

CORO DE SANTOS

E o Santo padre Borgia e muitos Santos mais...

S. IGNACIO

Ben dicta a nossa Fé, bemdicta a nossa Igreja.

CORO DE SANTOS

Bemdicto o nosso ventre! Amen. Bemdicto seja!



COMO SE FAZ UM MONSTRO

Elle era n'esse tempo uma creança loira
 Vivendo na abundancia agreste da lavoira,
 Ao vento, a chuva, ao sol, pastoreando os gados,
 Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,
 Atravessando á noite os solitarios montes,
 Dormindo a boa sésta ao pé das claras fontes,
 Trepando aos pinheiraes, ás fragas, aos barrancos,
 No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,
 Radioso como a aurora e bem como a alegria.
 Quando no azul do céo cantava a cotovia,
 Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada
 Transportava ao casebre o leite da manada,
 Acordando, a assobiar e a rir pelos caminhos,
 Os lebreus nos portaes e as aves nos seus ninhos.
 E á tarde quando o sol, extraordinario Rubens,
 Na fantasmagoria esplendida das nuvens,
 Colorista febril, lança, desfaz, derrama
 O topasio, o rubi, a prata, o oiro, a chama,
 Elle ia então sosinho, alegre intemerato,
 Conduzindo a beber ao tremulo regato,

A golpes de verdasca e gritos estridentes,
N'um ruidoso tropel os grandes bois pacientes.
O seu olhar azul de limpidez virtuosa,
Onde brilhava a audacia heroica e valorosa
A candura infantil e a intelligencia rara,
O timbre da sua voz imperiosa e clara,
A linha do seu corpo altivamente recta,
Tudo lhe dava o ar soberbo d'um athleta
Em miniatura .

II

Um dia o pae, um bravo aldeão,
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe :

« João :

A' força de trabalho e a força de cancoiras
A moirejar no monte e a levar gado ás feiras,
Consegui ajuntar ao canto do bahù
Alguns pintos. Vocês são dois rapazes ; tu,
Além de ser mais novo, és mais intelligente .
Vou botarte ao latim ; quero fazer-te agente .
Hasde-me dar ainda um grande prégador .
Hoje padre é melhor talvez que ser doutor .
Aquillo é grande vida ; é vida regalada .
Olha, sabes que mais ? manda ao diabo a enxada .
Aquillo é que é vidinha ! aquillo é que é descanso !
Arrecada-se a congrua, engrola-se o ripanço,
Arranja-se um sermão ahi com quatro tretas,
Vai-se escorropichando o vinho das galhetas,

E a missa seis vintens e doze os haptisados.
Depois independente e sem nenhuns cuidados!
Olha, João, vê tu o nosso padre cura:
E', sem tirar nem pôr, uma cavalgadura.
Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;
Pois tem feito um casão em meia duzia d'annos.
Isto é desenganar; padres sabem na toda...
E' o sermão, é a missa, é o enterro, é a boda,
E' pinga da melhor, é tudo quando ha!
Quando o abade morrer hasde vir tu p'ra cá.
Despacha-te o doutor nas côrtes; quando não
Votamos contra elle, e foi-se-lhe a eleição.
Mas que é isso, rapaz? Nada de choradeira!
E' tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira
Toca pr'o seminário. Eu quero ir para a cova
Só depois de ti ouvir cantar a missa nova. »

III

N'uma tarde d'outomno a somnolente trote
Um macho conduzia em cima do albardão,
Já columna da egreja, o novo sacerdote,
O muitissimo illustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irracionaes,
Dos foguetes ao grande e jubiloso estrepito
Um velho recebeu nos braços paternaes,
Em vez do alegre filho, um monstro já decrepito
Que acabava de vir das jaulas clericaes.
Que transfiguração! que radical mudança!
Em logar da innocente, angelica creança,

Voltava um chimpanzé estúpido e bisonho,
Com o ar de quem anda hallucinadamente
Preso nas espiraes diabolicas d'um sonho.
Seu corpo juvenil, robusto e florescente
Vergava para o chão exausto de cansaço:
Os dogmas são de bronze, e a lã d'uma batina
Já vai pesando mais que as armaduras d'aço.
A ignorancia profunda, a estupidez suina
A luxuria d'egreja, ardente, clandestina,
O remorso, o terror, o fanatismo inquieto,
Tudo isto perpassava em turbilhão confuso
Na atonia cruel d'aquelle hediondo aspecto,
Na morna fixidez d'aquelle olhar obtuso.
Metida nas prisões escuras de Loyola
A sua alma infantil, não tendo luz nem ar.
Foi com os rouxinoes, que dentro da gaiola
Perdem toda alegria, e morrem sem cantar.

IV

Como ninguem ignora, os sordidos palhaços
Compram, roubam às mães as loiras creancinhas,
Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços,
Transformam-lhes n'um juco elastico as espinhas,
E exhibem-nas depois nos palcos das barracas
Dando saltos mortaes e devorando facas
Ante o espanto imbecil da ingenua multidão;
E para lhes cobrir a lividez plangente
Costumam-lhes pintar carnavalescamente
Na face de alvaiade um rir de vermelhão.

Tambem o jesuitismo hipocrita-romano,
Palhaço clerical, anda pelos caminhos
A comprar, a furtar, assim como um cigano,
As creanças ás mães, os rouxinoes aos ninhos.
Vão leval-as depois ao negro seminário,
A's terriveis galés, ao sacro matadouro,
E' escondem-nas da luz, assim como o usurario
Esconde tambem d'ella os seus punhados d'ouro.
Dentro da estupidez e da superstição,
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,
A analize, esse forte e venenoso flu'ido,
Que, andando em liberdade, ao minimo descuido
Poderia estoirar com tragica explosão.
O que o palhaço faz ao corpo da creança
Fazem-lh'o á alma, até que d'ella reste emfim,
Em logar do histrião que nas barracas dança,
O pobre missionario, o inutil manequim,
O histrião que nos prega a bemaventurança
A murros do missal e a roncos de latim.
As almas infantis são brandas como a neve,
São perolas de leite em urnas virginaes .
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve
Cristalisa em seguida e não se apaga mais.
D'esta forma consegue o astucioso clero
Transformar de repente uma creança loira
N'um passaro nocturno estúpido e sincero.
E' abrir-lhe na cabeça a golpes de tesoura
A marca industrial do fabricante—um zero!

.....



CALEMBOUR



O' Jesuitas, vois sois dum faro tão astuto,
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,
Andando ha tanto tempo em tão má *companhia*.



A AGUA DE LOURDES



Se ergueis uma capella á agua milagrosa,
 Esse elixir divino,
 Então erguei tambem um templo á caparosa
 E outro templo ao quinino.

Se a agua faz milagre, o que eu vos não discuto,
 E por isso a adorais,
 Ajoelhemos então em face do bismuto
 E d'outras drogas mais.

Façamos da magnesia e cloroformio e arnica
 As hostias do sacrario ;
 Transformemos o templo emfim n'uma botica
 E Deus n'um boticario.

Que a vossa agua opere immensas maravilhas
 Eu não duvido nada :
 E' o Espirito Santo engarrafado em bilhas,
 E' o milagre á canada.

Desde que se espalhou pelo universo o echo
Do milagre feliz,
Tartufo nunca mais encheu o seu caneco
Em outro chafariz!





ANTONELLI

Uma loba emprenhou um dia de Tartufo,
E Antonelli nasceu d'este consorcio bufo.

O seu labio despresa; o seu olhar dardeja.
Cassagnac de Deus, guarda-costas da Egreja,

Redige as pastoraes brutaes de que se nutre
Co'um tinteiro de treva e uma penna de abutre.

Bossuet-Ferrabraz e Falstaf-Isaias.
Ebebe petroleo negro e gim nas sacristias.

Não ha pomba mais tigre ou Santo mais demonio:
Fera,— como Caim! rato,— como Polonio!

N'aquelle olhar nocturno, inquizidor, que assusta,
Ha Nero a murmurar nas sombras com Locusta.

O cabeção que traz na batina de lilla
Erriçam-no punhaes: era d'um cão de fila.

O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade.
Para um dia expulsar do mundo a Liberdade

Fez um latego atroz, que corta e que esfarrapa,
Atando uma serpente ao baculo de um papa.

Quando observo esse monstro, essa alimaria brava,
Hercules que talhou d'um hyssope uma clava,

Ao vêr-lhe os rins de bronze, e ao vêr-lhe a erecta fronte,
Creio estar contemplando ao longe, no horisonte,

Entre o rubro esplendor d'uma manhã sonora,
Um bufalo de treva ás cornadas na aurora!



O DINHEIRO DE S. PEDRO

De tal modo imitou o papa a singileza
 Do martyr do Calvario,
 Que á força de gastar os bens com a pobreza
 Tornou-se millionario.

Tu hoje podes vêr, ó filho de Maria,
 O teu vigario humilde
 Conversando na bolsa em fundos da Turquia
 Com o Barão Rotschild.

A cruz da redempção, que deu ao mundo a vida
 Por te aver dado a morte.
 Tem-a no seu *bureau* o padre santo erguida
 Sobre uma caixa forte.

E toda essa riqueza immensa, accumulada
 Por tantos financeiros,
 O que é a economia, oh Deus! foi começada
 Só com trinta dinheiros!



AO NUNCIO MASELLA

O Padre Eterno está coberto de masellas,
 E tu, (teu nome o atesta, ó bonzo,) és uma d'ellas.
 Masella, escuta :

Deus, o Deus em que acredito,
 Essa luz que allumina essa noite—o infinito,
 Esse efluvio d'amor que em tudo anda disperso,
 Espirito que, enchendo o abismo do universo.
 Cabe com todo o seu vastissimo esplendor
 N'um olhar de creança ou n'um calix de flor,
 Esse Deus immortal, unico, bom, clemente,
 O Deus de quem tu es o hereje e eu sou o crente,
 Esse Deus ó Masella, é um Deus plebeu e humilde,
 Cuja firma não dá nos banqueiros Rotschild
 Credito algum, um Deus descalço e proletario.
 Que em vez de libras guarda em seu profundo erario
 Montões d'astros, um Deus de tal maneira vil,
 Que não tem cortezãos, não tem lista civil,
 Nem bispos, nem cardiaes, nem sacristães, nem tropa,
 Nem nuncios para dar pelas côrtes da Europa

Em doirados salões e esplendidas estufas
Festins onde se serve o Evangelho com trufas,
A Biblia com champagne, e a alma de Jesus,
Bem picada, recheiando os faisões e os perus!

Embaixador de quem? de Christo? não; do papa.
Quem é o papa?

Um Deus inventado á sucapa,
Um Deus para fazer o qual bastam apenas
Quatro coisas: — cardeaes, papel, tinteiro e pennas.
Deita-se n'uma saca uma lista qualquer.
Qualquer nome — Gregorio, ou Borgia, ou Lacenaire,
Ou Pápavoine — e prompto! em dois minutos fica
Manipulado um Deus authentico, obra rica,
Tonsurado, sagrado, infalivel, divino...
Quer dizer, sahiu Deus d'uma bolsa do quino!
E' um Deus por concurso, um Deus feitos por tretas,
E em cuja divindade ideal ha favas pretas!
Apezar disso é Deus. Vai pousar-lhe no selo
O Espirito Santo, esse pombo correio
Da Providencia. E' elle o redemptor e o oraculo.
A humnidade vai adiante do seu baculo,
Soluçando, ululando, exausta, ensanguentada
Pavoroso tropel de sombras pela estrada
Do destino fatal. O pensamento humano
E' simplesmente um cão sabujo e ultramontano,
Um cão vadio, um cão faminto, um cão impuro,
Que o papa recolheu de noite n'um monturo,
E a quem ás vezes dá com parcimonia biblica]
A pitança d'um Breve e o osso d'uma Enciclica.

Um papa é isto : — um juiz sem lei ; omnipotente.
Czar das consciencias. Póde irremovivelmente
Chamuscá-as em fogo, ou torral-as em brazas,
Ou fazer-lhes' nascer das costas um par d'azas.
O globo é para elle a bôla d'um bilhar.
Domina os reis. O Throno é o lacaio do Altar.
Seus templos são prisões e seus dogmas algemas.
Cingem-lhe a fronte augusta e nobre os tres diademas,
E na potente mão, invencivel harpeu,
Tem as chaves do inferno... e a gazua do céu.

Masella, o theatro é velho, a receita é pequena,
E ha mil annos que está a mesma força em scena.
Abaixo a farça ! Abaixo o pardieiro divino,
O céu, que já não tem nem sombras de inquilino.
Serafins, cherubins, anjos, legião eterna
Dos eleitos, tudo isso andou, poz-se na perna,
Deixando lá ficar, ó cafila d'ingratos !
O cadaver d'um Deus roido pelos ratos.
Abaixo o inferno, aonde os démos, meus Irmãos,
Não têm fogo se quer para aquecer as mãos ;
Porquê lá onde a curia os rebeldes despenha
Ha sobra de infleis, mas ha falta de lenha.
Já nem é forno ; aquillo é adega sombria,
Onde o defluxo faz a côrte á pneumonia,
E onde não ha nariz precito que ande enxuto.
Cada heresiarca suja um lenço por minuto,
De modo que hoje o inferno (oxalá que m'o evites,
Masella !) é de temer por causa das bronchites.
Abaixo o purgatorio ! Entre chamma ex-faminta,

Que reclama com ancia algumas mãos de tinta,
Gelam reprobos nus, reprobos em pelote,
Que precisam d'um fogo, ó céos, ou d'um capote!
Abaixo a farça! abaixo o entremez da paixão,
Porque o Christo é de gesso e a cruz de papelão.
Abaixo essa parodia infame em que agonisa
N'um Golgota de lona um clown sem camisa
Que, depois d'expirar convulso, de repente
Salta abaixo da cruz funambulescamente,
E arranca às multidões assombradas e mudas
A esportula — que cai no saquitel de Judas.

Não! o martyr que fez com o seu olhar sublime
O luar do Perdão para a noite do Crime,
E que abriu com a luz da bemaventurança
N'este carcere—a vida, esta janella—a Esp'rança,
O semi-deus que está, com um farol de gloria
No topo da montanha escalvada da historia
Contemplando o infinito e illuminando a terra,
Essa alma que a flôr da alma humana encerra,
Não é vossa, não é de qualquer confraria
Que dispõe d'uma adega escura, d'uma pia
E d'um padre, não tem o domicilio em Roma,
Não é vinho nem pão que se beba ou se coma,
Merendando, em familia. Ess'alma Universal,
Essa concentração divina do Ideal
E' de quem sofre, é de quem geme, é de quem chora,
E' de todos que vão pela existencia fóra
Tristes—santo, ou herde, ou escravo, ou proscripto,
Calcando o lodo e olhando os astros no Infinito.

Quando Christo inclinou, morrendo, a fronte calma,
Foi a Igreja buscar-lhe o corpo e o mundo a alma.
A Igreja recolheu a cinza e nós a luz.
E, louca ! julgou ser a esposa de Jesus,
Porque estreitava ao peito um cadaver gelado !
Dez seculos durou na treva esse noivado.
Dez seculos passou a funebre bacante
N'um sepulchro a oscular as gangrenas do amante,
Unido a cada chaga immunda um beijo em flôr,
Tentando reviver ao furioso calor
D'esses beijos um corpo inanimado e frio.
Que tragedia dantesca esse himeneu sombrio !
Pobre Heloisa da morte, o teu casto Abeillard
Nem para ti abriu o azul do seu olhar,
Nem murmurou baixinho uma palavra só !
E o Deus tornou-se em lodo abjecto e o lodo em pó !
E na campã nupcial, no talamo—sentina,
Da carcassa d'um Deus funebre Messalina,
Putrefacta expiraste ao pé da podridão.
E' que um cadaver, seja ou d'um Christo ou d'um cão.
Materia morta, exhala a mesma pestilencia.
Só a alma é immortal ; só essa pura essencia,
Jâmais se decompõe ou jâmais se aniquila.
O corpo é simplesmente a alampada de argila ;
A alma, eis o clarão. Por isso o Nazareno
Pertence ao mundo. Tu escolheste o veneno,
O cadaver, e nós o Espirito, a alvorada.
E foi com essa hostia esplendida e sagrada,
Com a alma de luz do Filho e Maria
Que o mundo celebrou a grande eucharistia,

Egreja!... O coração da victima innocente
Comungamol-o nós : diluiu-se ethereamente,
Cheio de paz e amor, no coração humano .
Foi um sol que expirou. Onde tombou ? No oceano .

Mas comò, p'ra poder explorar sem canceira,
Com o inferno—essa mina, a terra—essa melgueira,
O velho Padre-Santo, o Redemptor-Tiehborue, .
Precisa d'um Jesus sangrento que lhe adorne
O altar, e aos pés do altar necessita que esteja
Toda banhada em pranto a noiva eterna, a Egreja,
E como o noivo e a noiva ambos tinham morrido,
O Padre Santo, que é um padre divertido,
Mandou escripturar então por um cornaca
Uma Egreja a um bordel e um Christo a uma barraca .

Fóra esse Deus! Abaixo esse Deus salafrario,
Deus com ramo de loiro á porta do Calvario,
Deus que marcha ao suplicio, á epopeia da Dôr
Com Cyreneu na frente a rufar n'um tambor,
Deus de quem Harpagão é caixeiro e Tartufo
Guarda livros, um Deus palhaço, um Christo bufo,
Um martyr de aluguel, ebrio, que se apregoa
Com guisos atinir nos espinhos da c'roa,
Um Deus a quem Mandrin passou folha corrida,
Um Deus que fez da morte o seu modo de vida,
Um Deus que representa a farça da Paixão
Pintado, ensanguentado a vinho e a vermelhão,
Um Deus que sobe ao céo, acrobata faraesio,

Em aerostato, a vai no banho d'um trapesio
A fazer o signal da cruz e a prancha com limpeza
Identica, arrojando á multidão surpresa
Benções anjelicæes variadas e embrulhadas
Em prospectos, e enfim descendo ás gargalhadas,
Para ir repartir em qualquer sacristia
Os lucros da função por toda a companhia.!

Que regabofe! O Christo, um magro actor de fama,
Estropeado galan senil depois do drama,
Lava o gesso e o zarcão da tromboia sangrenta
Com a esponja do fel na pia da agua benta.
A Magdalena, vesga e sordida rameira,
Guarba os seios de estopa, o prato, a cabelleira,
Limpa a maceração do olhar, que causa asco,
Feita a rolha queimada e inutil d'algum frasco
De mercurio ou de absinto, e, como uma alcateia,
Atira-se esfaimada ao bacalhau da ceia.
O bom do Cyrineu, a transpirar, pragueja;
Manda aos quintos a cruz e manda ao diabo a egreja;
Despe a farpela, e bebe a rir alegremente,
D'um trago só, canada e meia de aguardente.
Pilatos o pançudo e calvo safardana
Ronca, dormindo. A vil soldadesca romana
Tira as barbas, e põe muitíssimo pacata
N'um bahu — os morriões e espadagões de lata.
O bom e o máo ladrão jogam a bisca. O anjo
Que partira o sepulchro, um robusto marmanjo,
Desaparafusando as azas d'ouro e o nimbo,
Pede ao velho Caiphaz lume para o cachimbo.

E grave e silencioso, a um canto o thesoureiro
— Judas — reparte, empilha em montes o dinheiro
Da recita, tirando o quinhão do empresario
— O Papa — a quem pertence o Theatro do Calvario.
E dividida a presa e ruminada a orgia,
Ao sagrado e doirado alvorecer do dia,
Lá vai esse roldão de sevandijas podres,
Cambaleante tropel de ventres feitos odres.
Indo dormir talvez, oh pandega, oh delicia!
Jesus co'a Magdalena — á esquadra de policia.

Vamos! basta de farça, e basta de farçantes!
Mil bombas a vapor jorrem desinfectantes
N'esse velho bordel da Igreja — o vaticano,
Colera! faz-te mar, Justiça! faz-te oceano,
E inundae, submergi o Versalhes maldito
De Jehovah — Rei-sol macrobio do infinito.
Vamos, fogo ao cavil! E enquanto os salteadores,
Nuncios, bispos, cardeaes, conegos, monsenhores,
— Truculenta manada obesa de hipopotamos —
Virgem-mãe dos heróes, ó Liberdade! enxotam'os,
E faze-m'os transpor, a grunhir, sem demoras
As fronteiras do globo em vinte e quatro horas!



LADAINHA MODERNA

S. Leão 13—dai-nos bons bispados,
 S. Leão 13—que nos possam dar
 S. Leão 13—vinte mil crusados.
 S. Leão 13—fòra o pé d'altar.

Santo Antonelli—dai-nos confessadas
 Santo Antonelli—novas, já se vê ;
 Santo Antonelli—é melhor casadas,
 Santo Antonelli—bem sabels porque...

O' Santo Borgia—ha tanta gente avara !...
 O' Santo Borgia—ha tantos imbecis !...
 O' Santo Borgia—como se prepara,
 O' Santo Borgia—o tal xarope... diz !...

Santa de Lourdes—sois incomparavel !
 Santa de Lourdes—muita agua deita
 Santa de Lourdes—vossa inextotavel
 Santa de Lourdes—fonte... de receita !

O' Santa madre—miseros, mesquinhos,
 O' Santa madre—vemo-nos atonitos,
 O' Santa madre—p'ra educar sobrinhos
 O' Santa madre que tem paes incognitos.

O' Santa igreja mete-nos, no buxo
 O' Santa igreja—p'ra dár tom á fibra,
 O' Santa igreja—alguns te-deuns de luxo
 O' Santa igreja—e muita missa a libra

Santo Cinismo—chapa-nos nas faces
 Santo Cinismo—um tal estanho emfim,
 Santo Cinismo—que tu mesmo embaces
 Santo Cinismo—ao vêr cinismo assim.

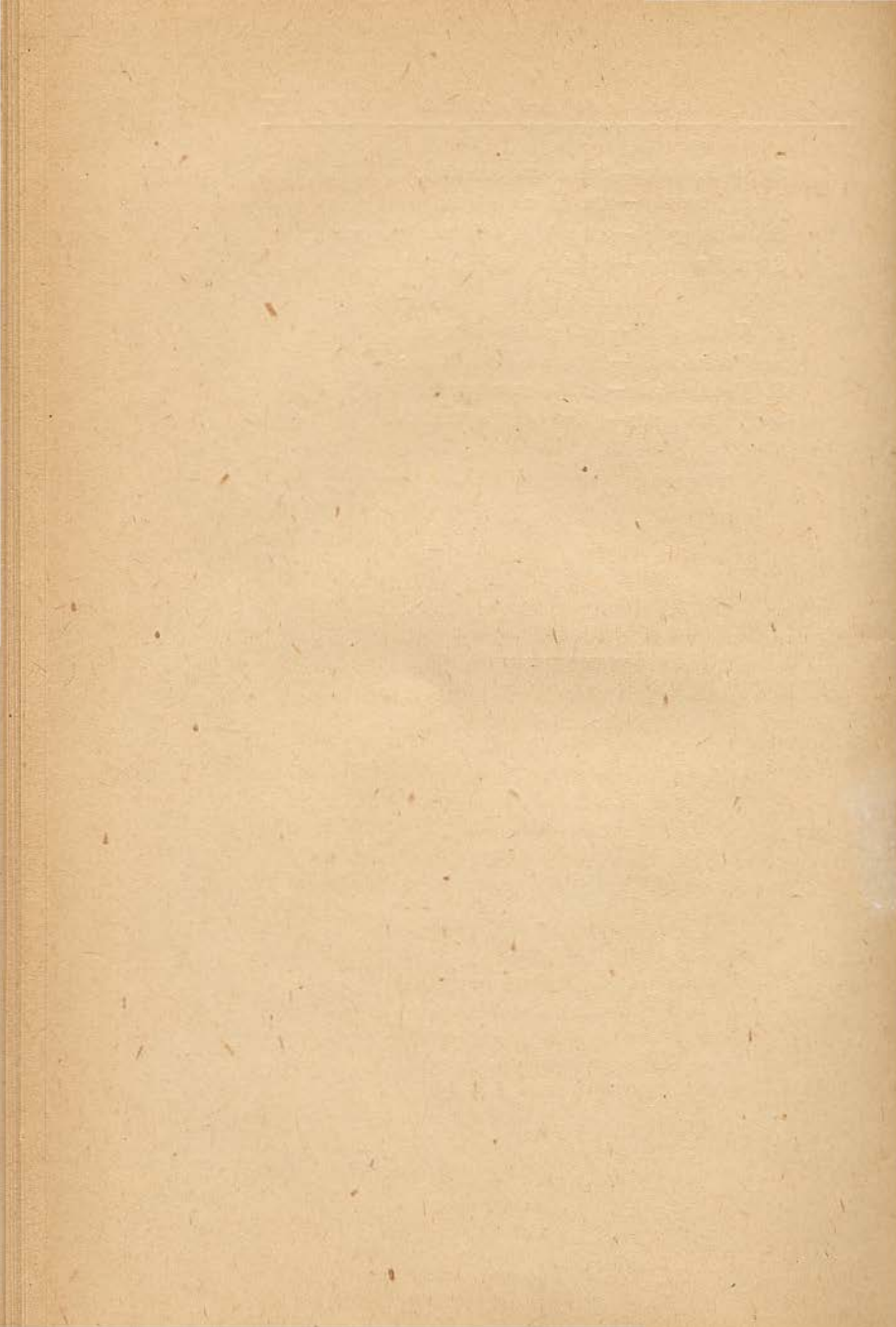
Santa Intrugice—entrega as almas toscas
 Santa Intrugice—ás nossas artimanhas...
 Santa Intrugice—Deus destina as moscas
 Santa Intrugice—ao papo das aranhas.

S. Regabofe—dai-nos bambochatas
 S. Regabofe—até rollar não chão...
 S. Regabofe—pipa e sermonatas!
 S. Regabofe—porco e cantochão!

Santa Barriga—unica santa nossa,
 Santa Barriga—grande santa és!
 Santa Barriga—alarga, estende, engrossa
 Santa Barriga—e vai da boca aos pés

Santa Preguiça—Santa que consolas,
Santa Preguiça—não ha nada igual
Santa Preguiça—a um bom colchão de molas
Santa Preguiça—e mais et cet'ra e tal ! . . .

- S. Venha-a-nós--realisa este desejo,
S. Venha-a-nós—ingenuo e timorato :
S. Venha-a-nós—faz do universo um queijo
S. Venha a-nós—e faz de nós um rato !
-





O MELRO

O melro, eu conheci o :
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador, jovial ;
Logo de manhã cedo .
Começava a soltar d'entre o arvoredor
Verdadeiras risadas de cristal.
E assim que o padre cura abria a porta
Que dá para o passal,
Repicando umas finas ironias,
O melro d'entre a horta
Dizia-lhe : « Bons dias ! »
E o velho padre cura
Não gostava d'aquellas cortezias.

O cura era um velhote conservado,
Malicioso, alegre, prasenteiro ;
Não tinha pombas brancas no telhado,
Nem rosas no canteiro ;
Andava ás lebres pelo monte, a pé,
Livre de reumatismos,
Graças a Deus, e graças a Noé.

O melro despresava os exorcismos
 Que o padre lhe dizia :
 Cantava, assobiava alegremente ,
 Até que ultimamente
 O velho disse um dia :

« Nada, já não tem geito! este ladrão
 Dá cabo dos trigaes!
 Qual seria a rasão
 Porque Deus fez os melros e os pardaes?! »

E o melro no entretanto,
 Honesto como um santo,
 Mal vinha no oriente
 A madrugada clara
 Já elle andava jovial, inquieto,
 Comendo alegremente, honradamente,
 Todos os parasitas da seara
 Desde a formiga ao mais pequeno insecto.
 E apezar d'isto o rude proletario,
 O bom trabalhador,
 Nunca exigiu augmento de salario.

Que grande tolo o padre confessor!

Foi para a ôira o trigo ;
 E armando uns espantalhos
 Disse o abbade comsigo :
 « Acharam-se as penas e os trabalhos.»
 Mas logo de manhã, maldito espanto!
 O abbade, inda na cama,
 Ouvia do melro o costumado canto ,

Ficou ardendo em chamma ;
Pega na caçadeira,
Levanta-se d'um salto,
E vê o melro a assobiar na eira
Em cima do seu velho chapéu alto !

Chegou a coisa a termo
Que o bom do padre cura andava enfermo,
Não fallava nem ria,
Minado por tão intimo desgosto ;
E o vermelho oleoso do seu rosto
Tornava-se amarello dia a dia.
E foi tal a paixão, a desventura,
(Muito embora o leitor não me acredite)
Que o bom do padre cura
Perdera... o appetite !

*
* *

Andando no quintal um certo dia
Lendo em voz alta o *Velho Testamento*
Enxergou por acaso (que alegria !
Que ditoso momento !)
Um ninho com seis melros escondido
Entre uma carvalheira.

E ao vel-os exclamou enfurecido :

« A mãe comeu o fructo prohibido ;
Esse fructo era a minha sementeira :
Era o pão, e era o milho ;
Transmittiu-se o peccado.

E, se a mãe não pagou, que pague o filho,
E' doutrina da Igreja. Estou vingado !

E enganando os pobres passaritos
Soltava exclamações :
« E' uma praga. Maldictos !
Dão-me cabo de tudo estes ladrões !
Raios os partam ! andai lá que emfim... »

E deixando a gaiola pendurada
Continuou a ler o seu latim
Fungando uma pitada.

*
* *

Vinha tombando a noite silenciosa ;
E caía por sobre a natureza
Uma serena paz religiosa,
Uma bella tristesa
Harmonica, viril, indefinida.
A luz crepuscular
Infiltra-nos na alma dolorida
Um mysticismo heroico e salutar.
As arvores, de luz inda doiradas,
Sobre os montes longiquos, solitarios,
Tinham tomado as fórmas rendilhadas
Das plantas dos herbarios.
Recolhiam-se a casa os lavradores.
Dormiam virginaes as coisas mansas :
Os rebanhos e as flores,
As aves e as creanças.

Ia subindo a escada o velho abbade ;
A sua negra, athletica figura
Destacava na frouxa claridade.
 Como uma nodoa escura.
E introduzindo a chave no portal
 Murmurou entre dentes :

« Tal e qual... tal e qual !...
Guisados com arroz são excellentes. »

..

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos
Tinham o brilho meigo, avelludado
Do sorriso dos martyres, dos justos.
Um effluvio dormente e perfumado
Embebedava as seivas luxuriantes.
Todas as forças vivas da materia
Murmuravam dialogos gigantes
 Pela amplidão etherea.
São precisos silencios virginaes,
Disposições sympathicas, nervosas,
Para ouvir estas fallas silenciosas
 Dos mudos vegetaes.
As orvalhadas, frescas espessuras
Presentiam-se quasi a germinar.
Desmaiavam-se as candidas verduras
Nos Magnetismos brancos do luar.

.....

*
* *

E n'isto o melro foi direito ao ninho.
Para o agasalhar andou buscando

Um pennugens doces como arminho,
Um feltrosito assetinado e brando.

Chegou lá, e viu tudo.

Partiu como uma frecha; e louco e mudo
Correu por todo o matagal; em vão!
Mas eis que solta de repente um grito
Indo encontrar os filhos na prisão.

«Quem vos metteu aqui?!» O mais velhito
Todo tremente, murmurou então :

«Foi aquelle homem negro.—Quando veio
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...
Ai que susto, que sasto! Elle é tão feio!...
Tive-lhe tanto medo!... Abre esta porta,
E esconde-nos debaixo da tua aza!
Olha, já vão florindo as assucenas;
Vamos a construir a nossa casa
N'um bonito logar...
Ai! quem me dera, minha mãe, ter pennas
Para vôar, vôar!»

E o melro hallucinado
Clamou :

« Senhor! Senhor !

E' por ventura crime ou é peccado
Que eu tenha muito amor
A estes innocentes?!
O' natureza, ó Deus, como consentes
Que me roubem assim os meus filhinhos,
Os filhos que eu criei!

Quanta dôr, quanto amor, quantos carinhos,

Quanta noite perdida

Nem eu sei...

E tudo, tudo em vão!

Filhos da minha vida!

Filhos do coração!!...

Não bastaria a natureza inteira,

Não bastaria o céu para voardes,

E prendem-vos assim d'esta maneira! ...

Covardes!

A luz, a luz, o movimento insano

Eis o agulhão, a fé que nos abraza...

Encarcerar a aza

E' encarcerar o pensamento humano.

A culpa tive-a eu! quasi á noitinha

Parti, deixei-os sós...

A culpa tive-a eu, a culpa é minha,

De mais ninguém!... Que atroz!

E eu devia saber-o!

Eu tinha obrigação de adivinhar...

Remorso eterno! eterno pesadello!...

Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera

Ser abutre ou ser féra

Para partir o carcere maldicto!...

E como a noite é limpida e formosa!

Nem um ai, nem um grito...

Que noite triste! oh noite silenciosa!...>

*
*
*

E a natureza fresca, omnipotente,

Sorria castamente

Com o sorriso alegre dos heroes.
Nas sebes orvalhadas,
Entre folhas luzentas como espadas,
Cantavam rouxinoes.

Os vegetaes felizes
Mergulhavam as soffregas raizes
A procurar na terra as seivas boas,
Com a avides e as raivas tenebrosas
Das pequeninas feras vigorosas
Sugando á noite os peitos das leoas.
A lua triste, a lua merencorea,
Desdemona marmorea,
Rolava pelo azul da immensidade,
Immersa n'uma luz serena e fria,
Branca como a harmonia,
Pura como a verdade.

E entre a luz do luar e os sons e as flores,
Na atonia cruel das grandes dores,

O melro solitario

Jazia inerte, exanime, sereno,
Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
Na noite do calvario !...

Segundo o seu costume habitual,

Logo de madrugada

O padre-cura foi para o quintal,
Levando a biblia e sobraçando a enxada.

Antes de dizer missa,

O velho abade inevitavelmente
Tratava da hortaliça

E resava a Deus Padre Onipotente
Varios trechos latinos,
Salvando d'esta forma juntamente
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando :

—Olé !

Dormiram bem ?... Estimo...

Eu lhes darei o mimo,

Canalha vil, grandissima ralè !

Então vocês, seus almas do diabo,

Julgavam que isto que era só dar cabo,

Da horta e do pomar,

E bico alegre e estomago contente,

E o camello do cura que se aguente,

Que engrolle o seu latim o vá bugiar!...

Grandes larapios !... Era o que faltava.

Vocês irem ao milho,

E a mim mandar-me á fava !

Pois muito bem, agora que vos pilho

Eu vos ensinarei, meus safardanas !

Vocês são mariolões, são ratazanas,

Tem bico é certo, mas não tem tonsura...

E nas manhas um melro nunca chega

A's manhas naturaes d'um padre-cura.

O melhor vinho que encontrar na adega

E' para hoje, olé!... Que bambochata !

Que petisqueira ! Melros com chouriço!...

E então a Fortunata

Que tem um dedo e um geito para isso!...

Heide comer-vos todos um a um,
 Lambendo os beiços, com tal gana enfim
 Que comendo-vos todos, mesmo assim
 Eu fico ainda quasi que em jejum!
 E depois de vos ter dentro da pança,
 Depois de vos jantar,
 Vocês verão como o velhote dança,
 Como elle é melro e sabe assobiar!...

Mas n'isto o padre cura titubiante,
 Quasi desfallecendo,
 Atonito de horror, parou deante
 D'este drama estupendo:

O melro, ao ver aproximar o abade,
 Despertou da atonia,
 Lançando-se furioso contra a grade
 Do carcere. Torcia,
 Para os partir os ferros da prisão,
 Crispando as unhas convulsivamente
 Com a furia d'um leão,
 Batalha inutil, desespero ardente!
 Quebrou as garras, deponou as azas
 E hallucinado, exangue,
 Os olhos como brazas,
 Heroe febril, a gotejar em sangue,
 Partiu n'um vôo arrebatado e louco.
 Trazendo dentro em pouco
 Preso no bico um ramo de veneno.
 E bello e grande e tragico e sereno

Disse :

« Meus filhos, a existencia é boa
Só quando é livre. A liberdade é a lei.
Prende-se a aza, mas a alma vóa...
O' filhos, voemos pelo azul!... Comei!— »

E mais sublime do que Christo quando
Morreu na cruz, maior do que Catão,
Matou os quattros filhos, trespassando
Quatro vezes o proprio coração!
Soltou, fitando o abade, uma pungente
Gargalhada de lagrimas, de dôr,
E partiu pelo espaço heroicamente,
Indo cahir, já morto, de repente
N'um carcavão com silveirae em flôr.

E o velho abade, livido d'espanto,
Exclamou afinal :

« Tudo que existe é immaculado e é santo !
Ha em toda a miseria o mesmo pranto,
E em todo o coração ha um grito igual.
Deus semeou d'almas o universo todo.
Tudo o que vive ri e canta e chora...
Tudo foi feito com o mesmo lodo,
Purificado com a mesma aurora.
O' misterio sagrado da existencia,
Só hoje te adivinho,
Ao vêr que a alma tem a mesma essencia
Pela dôr, pelo amor, pela innocencia,
Quer guarde um berço, quer proteja um ninho !

Só hoje sei que em toda a creatura.
 Desde a mais bella até á mais impura,
 Ou n'uma pomba ou n'uma fera brava,
 Deus habita, Deus sonha, Deus murmura !...

.....

 Ah, Deus é bem maior do que eu julgava !...>

E quedou silencioso. O velho mundo,
 Das suas crenças antigas, n'um momento,
 Viu-o sumir exaustão, moribundo
 Nos abysmos sem fundo
 Do tenebroso mar do Pensamento.
 E chorou e chorou... A Egreja, a Crença.
 Rude montanha pavorosa, escura,
 Que enchia o globo com a sombra immensa
 Dos seus setenta seculos d'altura ;
 O Himalaia de dogmas triumphantes,
 Mais eternos que o bronze e que o granito,
 Onde aos prophetas Deus falava d'antes
 Entre raios e nuvens trovejantes
 Lá dos confins siderios do infinito ;
 Esse colosso enorme, em dois instantes
 Viu-o tremer, fender-se e desabar
 N'uma ruina espantosa,
 Só de tocar-lhe a aza vaporosa
 D'uma avesinha tremula, a expirar !...

.....

 E, arremessando a biblia, o velho abade

Murmurou :

« Ha mais fé e ha mais verdade
Ha mais Deus com certeza
Nos cardos secos d'um rochedo nú
Que n'essa biblia antiga... O' Natureza,
A unica biblia verdadeira és tu!... »





Nota

O facto em que se baseia este poemeto, com quanto pouco conhecido, é absolutamente verdadeiro,

Os melros e algumas outras aves, como os pintasilgos e os rouxinoes, quando lhes encarceram os filhos, envenenam-n'os. Muitas vezes, (sarcasmo tragico, crueldade sublime!) deixando-os vivos, arrancam-lhes a lingua!

Ora nem todos os melros, pintasilgos e rouxinoes assassinam os filhos, quando lh'os prendem. Só o fazem os mais extraordinarios, os mais heroicos. O que nos demonstra que a acção é livre e responsavel, e não um simples producto d'uma fatalidade organica.

E' pena que Michelet ignorasse este facto. Que paginas divinas que elle não teria escripto! *L'Oiseau* ficou incompleto.



CIRCULAR

(*Fragmento*)

Deus & Filho. Bazar da fé. Venda forçada.
 Pela barca de Pedro, a Judas consignada,
 Chega um rico sortido em modas da estação.
 Vêr para crêr! Surpreza! Attenção, occasião
 Unica! aproveitai, comprai! Pechincha certa!
 Ao bazar do Calvario / Ao Nazareno! Alerta,
 Christãos! E' o desfazer da feira. Ultimo dia!
 Toda a casta de objecto ou de quinquilharia
 Que esteja em relação com negocios de egreja.
 Vellas especiaes para quando troveja,
 Aplacando de prompto a colera divina.
 Sem cheiro e sem mistura alguma de stearina.
 Santa Barbara, a quem a fé christã se roja,
 Quando atrôa, não gasta as vellas d'outra loja,
 Nem outras recommenda o concilio de Trento.
 Em pacotes de seis. Por junto abatimento.

Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilhe
 E em garrafa. Exigir a marca—Deus & Filho—

Na etiqueta, e na rolha, a fogo—Providencia—
Genuina só a ha á venda n'esta agencia.
Dez annos de successo e mil milhões de curas
Efficaz contra a caspa e contra as mordeduras
De cobra cascavel ou cão damnado ou pulga
Ou percevejo. Faz, Tartufo assim o julga,
Nascer ao mesmo tempo o appetite e o cabelo,
Bôa no hemorroidal e util no serampello.
Reumatismos, terças e outras molestiasvarias
Cura-as n'um prompo. Expulsa as bichas solitarias
E expulsa o Demo. Purga : os ventres desentupe-os .
Sem colicas. com tres ou quatro semicupios.
Em cegos de nascença e tísicos de peito
Isso então é instantaneo, é certo o seu effeito.
Uma perna amputada unta-se, e em dois instantos
Torna a crescer e fica inda maior que d'antes.
Em leicenças não falha. Em dôr de dentes, isso
E' bebel-a e ficar sem dôr. Não ha feitiço
Que resista. Uma vez uma morta tomou-a,
Espirrou e ficou inteiramente boa!
Prevenimos no entanto o publico defuncto
Que casos d'estes ha uns trinta e dois por junto
Apenas. Endireita a espinhela cahida,
Extrae callos, reduz fleimões, prolonga a vida,
Marca a roupa. e sem damno algum e sem fedor
Tórna o cabelo e a barba á primitiva côr.

Reliquias. Sortimento a capricho. Em ossadas
Dos apostolos, hoje as mais acreditadas
No mercado, chegou variedade infinita,
Cabeças de S. João, só vendo se acredita,

Osze mil! onze mil, e damol-as sem ganho!
Os preços é segundo o feitio e o tamanho.
(E convem declarar e advertir desde já
Que ossos de imitação não se encontra por cá.
Atestados legaes e autenticos o provam.)
Ha um monumental e rico S. Christovam,
Oito metros de largo e uns oitenta de altura,
Que, como não tem tido até hoje procura,
Decidimos vender, para liquidação,
A retalho. E' de graça: o kilo a meio tostão.
O publico achará sempre n'este bazar
De qualquer santo, ainda o mais particular,
Um esqueleto ou dois continuamente á venda.
Desejando porção, fazem-se de encomenda.
Desconto extraordinario em transações por grosso.
Garante-se o fabrico e a solidez do osso
Que empregamos. A todo o esqueleto montado
N'esta casa vai junto, e em forma, um atestado
Escripto sobre a pel' e pela propria mão
Do proprio santo, a quem a carca-sa em questão
Pertencera, e que diz:—Eu juro á fê de Deus
Que estes ossos, tal qual estão, oram os meus.—
Aviso: é bom comprar peças sobrecellentes:
Pelo menos um sacro, um nariz e alguns dentes.
Encontram-se tambem avulso qualquer d'ellas
Coccixs, peroneus, omoplatas, costellas,
Tibias, tarsos, enfim tudo que uma alma pia
Possa achar n'um manual christão de osteologia.
Em dedos do Destino ha um soberbo exemplar:
E' o mesmo que escreveu outr'ora a Balthasar

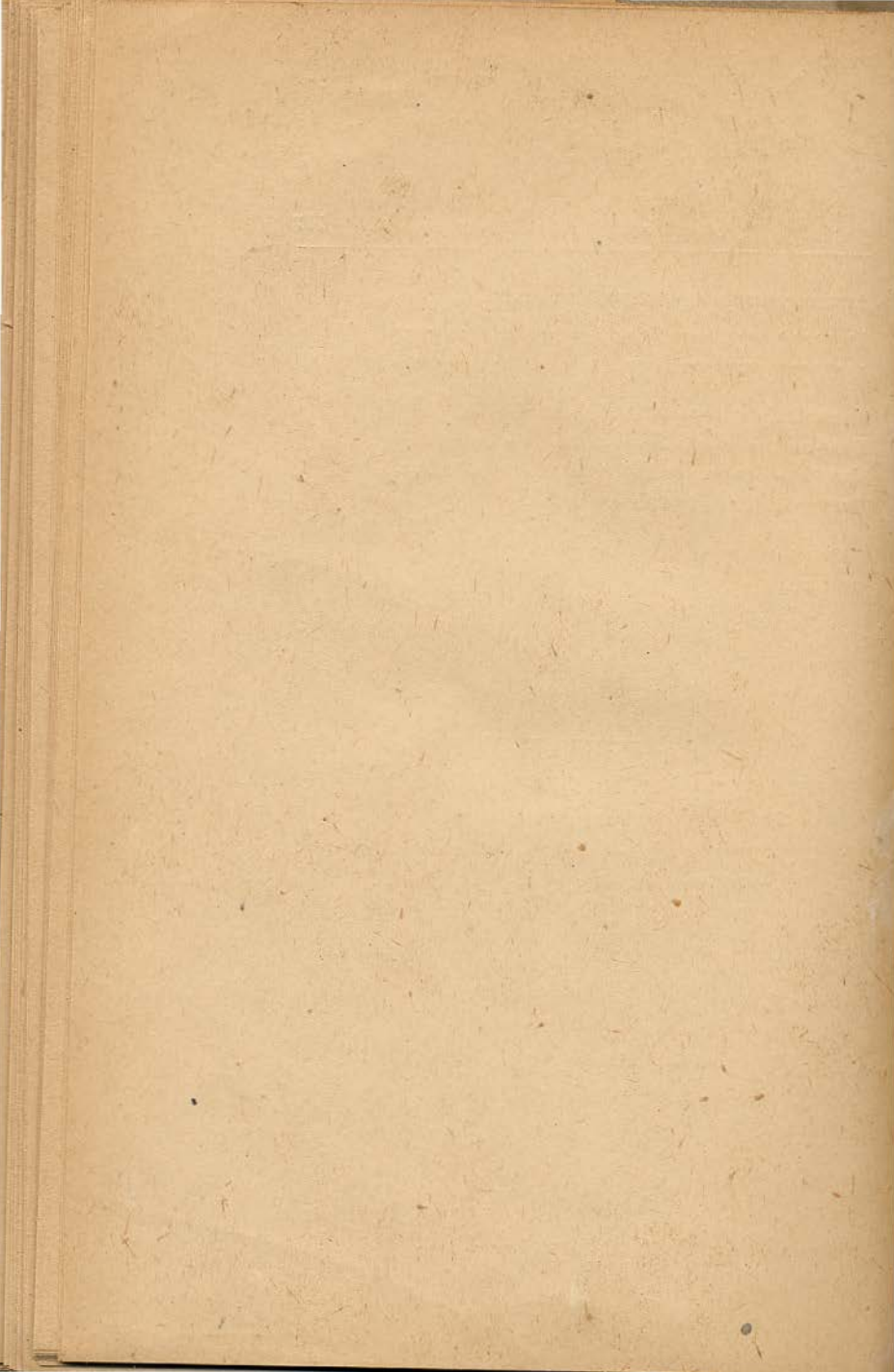
No salão do festim a tragica sentença,
 Dá-se por dez tostões essa caneta immensa
 Do Destino ha tambem o olho verdadeiro,
 Em vidro ou em cristal, por duzia ou por milheiro,
 Negros, verdes, azues, obra muito barata,
 Engastado em oiro, em nickel ou em lata.
 E hoje a grande moda, e são d'um bello effeito
 Para botões de punho e alfinetes de peito.
 Ha enfim mais de dez milhões de toneladas,
 De craneos sem valor, e de antigas ossadas,
 Que o caruncho roeu e converteu em cisco,
 Como são vinte mil braços de S. Francisco,
 Et cet'ra... Esse calcareo, (inutil n'esta casa.)
 Vende-se para esterco a trez vintens a raza.

Vera-cruz. Qualidade esplendida, extra-fina
 Authentica ; a melhor que vem da Palestina.
 Em pó, em serradura, em lascas, aos boccados,
 E posta em obra—desde a cama de casados,
 Desde o piano d'Erard ou da credencia até
 Ao baculo do bispo e ao *steek* do *crevé*.
 Trabalhada a primor em mil objectos varios:
 Em facas de cortar papel ou em rosarios,
 Em imagens do papa ou em boquilhas, em
 Cabides, castiçaes, prezepes de Bethlem,
 Bandejas para chá, agnus-Dei, cruxifixos,
 Lavatorios, etc. Ao *rabais*. Preços fixos.
 Nos nossos armazens com serras a vapor
 Vendemol-a igualmente, a cruz do Redemptor,
 Em ripas, em pranchões e em traves collossaes

Para marcenaria e construcções navaes .

.....
.....

Como hoje o negocio está muito bicudo,
Trespassa-se o armazem do Calvario com tudo
Que tem dentro. Escrever para o nosso bazar,
Largo dos Intrujões, 5, 1.º andar.





A BENÇÃO DA LOCOMOTIVA

A obra está completa. A machina flameja,
 Desenrolando o fumo em ondas pelo ar.
 Mas antes de partir mandem chamar a Egreja
 Que é preciso que um bispo a venha baptizar.

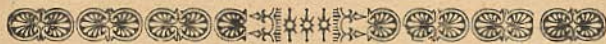
Como ella é com certeza o fructo de Cain,
 A filha da razão, da independencia humana,
 Botem-lhe na fornalha uns trechos em latim,
 E convertam-n'a á fé Catholica Romana.

Devem n'ella existir diabolicos peccados,
 Porque é feita de cobre e ferro; e estes metaes
 Sahem da natureza, impios, escommungados,
 Como sahimos nós dos ventres maternas!

Vamos, esconjurai-lhe o demo que ella encorra,
 Extrahi a heresia ao aço lampejante!
 Ella acaba de vir das forjas d'Inglaterra,
 E hade ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope,
Como um sonho febril, n'um doido turbilhão,
Além do machinista e necessario o hyssope,
E muita theologia... além d'algun carvão.

Atirem-lhe uma hostia á bocca famulenta,
Preguem-lhe alguns sormões, ensinem-n'a a resar,
E lancem na caldeira um jorro d'agua benta,
Que com agua do céo talvez não possa andar.



A HYDRA

(Vendo passar seminaristas)

Olhae, vede-os passar em logiões escuras,
Intonsos, apezar de todas as tonsuras,
Com um ar imbecil, caliginoso, estranho,
Marcados a tesoura assim como um rebanho,
E envoltos em crueis balandraus de entremez,
—As lobas, sob as quaes ha lobos muita vez !...
O' galuchos da Fé, recrutas do Divino,
Que um chocalho de bronze hiperbolico—um sino—
Faz erguer, faz dormir, faz deitar, faz andar,
Eu não sinto por vós, *marionetes* do altar,
Nem odio nem rancor. Sois victimas. Loyola
Dobra-vos a cerviz com a canga da estola,
E jungindo-vos, bois nocturnos, ao arado,
Rasga comvosco o negro e funebre vallado
Aonde o vosso Deus semeia para a infancia
A flôr da estupidez e o trigo da ignorancia.
A Igreja, a cortezã sensual de ventre obeso,
Hontem mulher de Christo e hoje mulher de Cresco,

Para a rapina odiosa e vil de que se nutre
Mochos, deu-vos a calva ortodoxa do abutre!
Matilha de Leão XIII a vossa preza é o mundo,
Tartufo, bode obsceno e theologo profundo,
Ensina-vos, conforme o ritual mais perfeito,
A cruzar, como S. Francisco, as mãos no peito,
Sob a sotaina arqueando a gravidez das panças,
A impôr jejuns, benzer caixões salgar creanças,
A grunhir, a ladrar sermões, missas cantadas,
E a escripturar o céo por partidas dobradas.
Não vos odeio não, palidos salafrios;
Vós sois unicamente os comparsas mortuarios
Do papa, esse Barnum que assombra a multidão,
Com o Espirito Santo a vir comer-lhe a mão
Satanaz a frigr (sarrabulhada tragica!)
Heresiarchas de estopa em caldeirão de magica,
E Jehovah, um urso estúpido e cruel
A lamber-lhe a sandalia, a babojar-lhe á anel,
E a ameaçar furibundo este mundo precito
A rufos de trovões no tambor do infinito.
A Igreja é uma serpente escura, bicho immundo,
Gigantesco reptil que dá a volta ao mundo,
E em cujas espiraes ebrias de raiva insana
Um Lacoonte immortal — a consciencia humana;
Ha seculo se estorce em convulsão atroz.
Os ellos d'esse monstro implacavel sois vós,
Sacristas. A cabeça é o papa.

Ora as serpentes

Tem a força na cauda e o veneno nos dentes.



A VALLA COMMUM

I

Valla commum — tasca nojenta,
 Mesa redonda sepulchral,
 Aonde a toalha crapulenta
 E' um lençol roto do hospital,

E aonde as larvas proletarias
 Devoram — lugubres festins! —
 Craneos de heroes, ventres de parias,
 Carcassas podres de arlequins,

Ao contemplar-te, ó libertina,
 Um nojo immenso me accomette:
 Tens a avidez de Messalina
 Na boca negra de Machbet!

Na treva aziega o crime e os vicios,
 Para o *menu* do teu jantar,
 Dão-te as creanças dos hospicios
 E as barregãs do lupanar.

Em teu estomago de hyena
Vão-se abysmar, monstro cruel,
Rios de sangue com gangrena
E ondas de lagrima com fel.

Cloaca putrida e funerea,
Feira da ladra edionda e vil,
E's o saguão onde a miseria
Despeja á noite o seu barril.

Trituras, lobrega sargeta,
Sem que o horror te engasgue e abafe
Os seios virgens de Julieta
E a pança obscena de Faltstaff.

Cinismo atroz que a alma oprime,
Fetida e funebre impudencia!
A boca esqualida do crime
Posta na boca da innocencia!

O abutre e a pomba, o cardo e a anemona
Na mesma leiva apodrecida :
Tropman chegando-se a Desdemona,
E Papavoine a Margarida!

Virtude, amor, crime, deboche
Promiscuamente a fermentar!
Mimi Pinson e Rigolboche!
Cain e Abel! estrume e luar!

Oh, *bulimia* tenebrosa !
Monstruosidade apocalypticã
Tudo te serve : ou cancro ou rosa,
Ou flôr doirada ou flôr syphlítica.

Anjos que vem do paraíso,
Candura etherea e perfumada,
Feitos d'um beijo e d'um sorriso,
N'algum jardim, de madrugada.

Vão confundir-se n'essa guella,
N'essa pestifera anarchia
Com quantas lepras uma viella
Possa escarrar n'uma enxovia !

As guilhotinas homicidas
Pelo carrasco, o fiel criado,
Mandam-te o *lunch* ás escondidas
No seu *panier* ensanguentado,

E o cadafalso, um salteador,
Na noite livida estrangula
Feras, que arroja no estertor
Aos antros podres da tua gulla.

Nada que te encha ou te sufoque.
Monstro, absorver é o teu destino.
Depois da ceia de Moloch,
Ruges co'a fome de Hugolino

Sempre a comer, monstro insensato,
E a boca sempre escancarada!
O esquite, harpia, eis o teu prato!
E o teu talher—a pá e a enxada!

Valla commum, despenhadeiro
De lirios brancos e de sapos,
Furna onde o Nada, esse trapeiro,
Faz o armazem dos seus farrapos.

Quantos heroes—oh raiva, oh odio!
Teu lobo amargo apodreceu
Desde Aristogiton e Harmodio
Até Camões e Galileu!

Deus que te fez sempre esfaimada,
Deu-te tambem, pança gigante,
Por cosinheiro Torquemada,
E Bonaparte por marchantê.

Atila e Nero—o tigre e o lobo,
Noventa e tres, Saint Barthelemy,
Eis hecatombes para o globo
Que são banquetes para ti.

Quando famelica te nutres
D'um Warterloo, grandiosa presa,
Sustentas todos os abutres
Só co'as migalhas da tua mesa!

Para o teu ultimo festim,
Gargantua sordido e voraz,
Foi aos açougues de Berlin
A Morte a encher o seu cabaz.

Es magro e funebre molosso
Ha milhões d'annos sempre a uivar :
O' Guerra, traz-me o meu almoço!
O' Peste, traz-me o meu jantar!

Servo, Fella, Moujik, Escravo,
Plebe sem pão, mendigos nós,
Bocas que tem ainda o travo
Do fel da esponja de Jesus ;

Martyres, victimas, proscriptos,
Legião de heroes resplandecente,
Que ensanguentados e maldictos
Revoluteiam febrilmente,

Raios no olhar, grilhões nos pulsos,
Ao céu em brasa a fronte erguida,
Nos sete circulos convulso
Do inferno tragico da Vida ;

Todo esse exercito ululante
Que em rouco e pavido tropel
Vem pela historia humana adiante,
Desde Cain até Rossel ;

Tudo que estoira de miseria,
Tudo o que ruge na oppressão,
Desde o grilheta da Siberia
Até ao paria do Indostão ;

Todo esse barbaro massacre,
Da guerra, enorme Leviatan,
Zama, Farsalia, S. João d'Acre,
Jena, Austerlitz, Sedan ;

Todo esse vomito de horrores
E de catastrophes sombrias,
Profundo atlantico de dores,
Negro Himalaia de agonias,

Todo esse lodo Deus impelle-o
Ao teu estomago sem dó :
E's a barriga de Vitellio,
Cheia das pustulas de Job!...

11

E entre esse tabidos fermentos,
Entre esses horror de coisa más,
Fóssa á procura de alimentos,
Um porco immundo—Satanaz.

Essa latrina de Pandora,
Pensando bem, é a final
A escarradeira onde expectora
Jehovah a bilis immortal.

Como elle é velho, com o frio
Tósse ; e Prudhome diz-lhe então :
—Deus, aqui tens este bacio...
Não vás cuspir no meu salão.

E ás vezes do alto do infinito,
Talvez depois d'um mau jantar,
O Padre Eterno faz cabrito
E enche o bacio a transbordar.

E o pote enorme onde cuspinha
O truculento Manitu,
Sem ninguem vêr, logo á noitinha
Vai despejal-o Belzebut.

Vai despejal-o, ó crueldade !
Lá nessas torridas galés,
Onde Deus assa a humanidade
No fogo—a que elle aquece os pés !

Porque, ó eternos desherdados
Da raça impura de Cain,
Morrendo sois encaixotados
Sem agna benta e sem latim.

Se algum vos dão é já com ranço,
E' já latim para hospitaes,
Feito com cisco de ripanso
E as varreduras dos missaes.

A igreja dá, barata feira!
Ao vosso ultimo estertor
Oleos de azeite de purgueira
E ostias de trapos com bolor.

For isso a valla é um alcapão
De d'onde rue a todo instante
Um tremedal de podridão
N'um mar de enxofre flammejante.

Castigo barbaro e nefando!
Em monstruosos caldeirões
Ondas de pez tonitruando,
Roucos, uivando, aos borbotões,

E dentro vós, pobres captivos,
Em sangue, em chagas, todos nus,
A morrer sempre e sempre vives,
Sempre a coser e sempre crus!

Em lagos rutilos de estanho,
Bramindo pragas em latin,
Milhões de herejes tomam banho...
Olhae que espiga um banho assim!...

Estés frigidós em certans,
Dentro do azeite que extravasa.
Outros perneando, como rans,
Na empalação d'um raio em brasa!

Uns são torrados sobre grelhas.
E os diabos vem continuamente
N'aquellas nadegas vermelhas
Cravar com furia o seu tridente!

Muitos estoira-lhes a pança
Entre os colericos anneis
De vinte cilhas, que lembrança!
Feitas de cobras cascadeis!

E em torno aos fulgidos brazeiros
Onde um bom Deus, poderoso e justo
Rebenta as almas aos milheiros,
Como as castanhas n'um magusto,

Pincham selvaticos fandangos
Satans freneticos e maus,
Rabudos como ourangotangos,
Cornudos como Menelaus!

E é por não dar uns seis ou sete
Tostões ao odre de um abade
Que a Providencia vos derrete,
Impios, por toda a eternidade!

Congrua e foliar—palha e bolota
Ao teu abade, impio, não dás?
Pois bem, Deus põe-te de compota
N'um molho ardente de aguarraz.

Ah, tu rebelde, ah, tu faminto,
Nunca a chorar foste depor
Tres mil remorsos com um pinto
Nas mãos d'um padre confessor ?

Ah, tu mandaste a Igreja á fava ?
Nunca compraste uma cartilha ?
Cose-te em pez, torra-te em lava,
Anda, meu besta, meu pandilha !

E' em quanto Deus te frita os untos
E o coração n'uma panella,
Que vida airada os bons defunctos
Passam no céo! ... que vida aquella !

Pois cá por baixo aos maganões
Nunca tambem lhes faltou nada;
Tiveram crenças e milhões...
Deus gosta assim de gente honrada.

Comeram optimos jantares,
Perfeitamente digeridos ;
Foram christãos e titulares.
Bons paes, bons filhos, bons maridos.

Aos seus palacios luculianos
(O que é virtude e pundonor !)
Durante quasi oitenta annos
Não bateu nunca um só credor !

Amaram todos os pecados,
Que são mortaes, mas são gentis,
Com todo o encanto fabricaões
Para os banqueiros, em Pariz.

Dormira sempre n'un bom leito
Co'as mais formosas cortezãs.
E o ventre sempre satisfeito,
E livre... todas as manhãs.

Gozaram sim, mas na verdade
Foram á missa muitas vezes,
Com toda a pompa e magestade
Dentro dos seus *landeaus* inglezes.

Se algum remorso impertinente
As almas castas lhes mordia,
Catava-o logo com um pente
Um bispo n'uma sacristia.

Crendo nos dogmas mais profundos,
E achando a vida um bom lameiro
Tiveram sempre Auctor dos Mundos
Por um perfeito cavalheiro.

Deram de graça a varios santos,
A Jesus Christo e á mãe das Dóras
C'reas, chinós, tunicas, mantos,
Burseguins d'oiro e resplendores.

Por isso o tal Author, que acabo
De vos citar, os tratou bem ;
Deus é levado do diabo
Só para os pulhas semvintem.

E quando fô ao cabo da função,
— Velhos sem dentes, já na espinha,
A Morte, de chapéu na mão,
Lhes foi tocar á campainha,

Para espicharem dignamente,
Agasalhados na sua cama,
O papa enviou-lhes de presente
A benção n'este telegrama :

« Remete benção Divindade.
Legado Pedro quinze contos.
Escrevi céo Hotel Trindade
Tenham chegada quartos promptos. »

E após um grande funeral,
A que assistiu o *high-life* inteir,,
Desde o arcebispo ao general
E desde o príncipe ao banqueiro,

Seus corpos, onde não remexê
O verme vil que trinca os parias
Embalsamados de escabeche
Em grandes latas funerarias,

No palacete d'uma camra
Foram guardados, qual thesoiro,
Dentro d'um cofre em cuja tampa
Ha versos maus em letras d'oiro.

E as almas, promptas para a festa
Do seu olimpico noivado,
Com uma aureola na testa
E azas soberbas no costado,

Partiram leves, subrepticias,
Entre o esplendor de cem auroras,
Lá para o Reino de Delicias.
Onde estarão a estas horas

Feitas bebés, comendo um keque,
Tocando frauta ou tamboril,
Ou arrastando a aza em leque
Ingenuamente... ás onze mil.

Ah, miseravel, ah precito,
Que lá dos baratros christãos
Ergues ao Tigre do infinito
Os dois archotes das tuas mãos,

Vê tu como é conveniente,
E justo em todos os sentidos,
Herdar um homem d'um parente
Seiscentos contos garantidos,

Gozar, sem medo á vida eterna,
Toda esta bella patuscada,
Desde a luxuria mais moderna
A' gula mais civilisada,

E ao terminar tão bom fadario
Morrer, ouvindo alguns latins,
Com treze kilos de calcareo,
—Onze na alma, e dois nos rins ;

E, na mais intima harmonia
Com Satanaz e com Jesus,
Ir para a cova á luz do dia,
De farda rica e de gran-cruz,

E entre tocheiros deslumbrantes
Ser bem comido e bem jantado
Por alguns vermes elegantes
N'um gabinete reservado !...



A SÊSTA DO SNR. ABADE

O meio dia bateu já na torre da Igreja.
A aldeia é silenciosa e triste. O sol flameja.
Entre o surdo murmúrio abrasador da luz,
Como n'um grande forno, os grandes montes nus
Recosem-sê, espirrando as urzes d'entre as fragas.
Um mendigo demente e coberto de chagas
Dorme estirado ao sol n'uma modorra espessa;
E o mosqueiro febril nas lepras da cabeça
Enterra-lhe zumbindo o caustico das lanças.
Andam só pela rua os porcos e as creanças.
Fome, desolação, luto, viuvez, miseria
Na aldeia morta. A terra esqualida e funerea
Em logar das canções da abundancia e do amor,
Do trigo verde a rir dentro da sebe em flor,
Calcinação e cruel cospe violentamente
Só o cardo torcido, epilectico, ardente,
Rompendo duro e hostil, como a praga blasfema
D'um assassino quando um carcereiro o algema.
Secaram-se de todo as fontes e os regatos.

As cobras na aridez crepitante dos matos
Silvam. O ar carboniza as arvores sequiosas
N'uma rutila poeira intensa de ventosas.
Dos montes nus além nas seccas epidermes
Os rebanhos são como um pulular de vermes.
E a bobada do céo, concha de zinco em braza,
Onde não passa a nodea aerea d'uma aza,
Implacavel contempla a terra solitaria,
Como um sultão fitando a carcassa d'um paria!

E o tifo germinou n'esta miseria adusta.
A epidimia, a alma errante de Locusta,
Diaboiica e subtil fermenta envenenada
No asfixiante esplendor da atmospherá esbrazeada.
D'entro da escuridão soturna dos casebres
Os velhos aldeões, minados pelas febres.
Agonisam ; e em seu delirio derradeiro,
Entre o concavo som da enxada do cozeiro
E o rouco psalmodear dos latins agoirentos,
Ouvem loucos de dor os funebres lamentos
Dos magros bois de olhar moribundo e sereno.
Que estão lá baixo ao pé do estabulo sem feno,
A mugir, a mugir, por terra abandonados
Juncto ao velho esqueleto inutil dos arados !

A espaços da profunda e tragica nudez
D'uma choupana irrompe um grito de viuvez,
Um clamor de orfandade... E o sino chora então
Lagrimas sepulcraes de bronze na amplidão.
A colera de Deus, cujo olhar encendeia,
Correu como uma loba hidrophoba na aldeia.

Não ha lume no lar, nem ha pão nos armarios.
Entre os dedos das mães famintas os rosarios
Passam piedosamente e inutilmente, em quanto
A Morte, a hiena magra e vesga, espreita a um canto
Um berço onde agonisa um anjo, ho dor cruel!
Como um roto mendigo á porta d'um vergel
Sofregamente espreita algum fructo outoniço
A tombar já sem cór d'um ramo já sem viço!

E a aldeia invoca, implora os anjos tutelares.
Morre de fome e veste as santas nos altares
Com oiro e com brocado. Os cirios noite e dia
Alumiam a branca imagem de Maria,
Como tremulos ais de luz agonisantes
A erguer-se para o céo! Procissões ululantes
De penitencias vão convulsas, desgrenhadas,
Esfacellando os pés nas pedras das calçadas,
Dilacerando o peito, arrancando os cabellos,
E com mil visões torvas de pesadellos,
Uivando a Deus em rouco e barbaro clamor
Que seja pae que veja essa infinita dór,
E lance áquella immensa angostia, áquella magoa
Um olhar onde emfim brilhe uma gota d'agua!

.....
Em vão, em vão, em vão! A tarde o sol frenetico
Morre congestionado, estonteado, apopletico,
E de manhã explue na lividez do oriente,
Caustico, a chammejar como um remorso ardente!
E nas noites febris, sem ar, sem roxinoes,
E que o azul é um brazeiro esplendido de soes

E em que parece que ha dispersas na atmospherã
As vaporisações surdas d'uma craterã,
Por detraz da montanha asperrima, escavada,
A lua cheia, rubra, opaca, ensanguentada,
N'um silencio soturno, esmagador, que opprime,
Rompe sinistra — como a apparição d'um crime !

E comtudo n'aquella aridez flamejante,
Sem um ramo frondoso em que uma ave cante,
N'aquelle illimitado incendio abrasador,
Oh sarcasmo cruel ! ha dois oasis em flor,
Com duas tropicaes plethoras de verdura :

Um é o cemiterio, o outro o passal do cura.

No cemiterio a Vida impetuosa e forte
Rompe a cantar do ventre uberrimo da Morte.
Pampanos, silveiraes, cardos, ortigas, rosas,
Plantas meigas de idilio e plantas tenebrosas,
A mandragora, a murta, a madresilva, o feto,
Tudo isto a latejar, a fecundar, repleto,
N'um emaranhamento anarchico pulula
Doido de sol, febril de seiva, ebrio de gula !
Ha uma saturnal juncto de cada cova,
Um cadaver que chega é uma iguaria nova,
Que os vermes decompõem em gangrenas protervas
Para a sofreguidão muda, obscura das hervas.
E quando do seu antro a larva tumular
Diz á planta : « Aqui tens na meza o teu jantar,
Vem comel-o ! » milhões de raizes — reptis,

Sanguesugas que tem por bocas bisturis,
Vão haurir, absorver, vampirisar no fundo
D'essa cloaca obscena esse banquete immundo,
Um fetido e viscoso esterquelinio de horrores,
Que é o pão que Deus fez para engordar as flores!
E da tumba do hospicio hora a hora resvalla
Uma carga de entulho humano para a valla.
Juntam-se aos nove e aos dez, rimas de carne morta,
Na mesma cova. A idade e o sexo pouco importa.
Confundem-se no podre açougue subterraneo.
E em quanto uma raiz de lirio suga um craneo
E uma pustula dá o perfume a um nectario,
No azul celeste paira o corvo sanguinario,
O tumulto suspenso, o esquife que se eleva,
Brandindo em cada flanco uma foice de treva!
..... Dir-se-hia que o Destino,
O velho Thug, o velho e tragico assassino,
Depois de uma hecatombe insensata e brutal,
A escondera, lançando em cima um madrigal,
Um manto de verdura e corolas vermelhas,
Todo estrellado do oiro em brasa das abelhas.

E o presbiterio? Olhae :

Branco como um noivado.

Trepadeiras á porta e pombas no telhado.
Ha n'esse ninho occulto em verdura frondosa
Como que um bem-estar simples e cõr de rosa.
Era um ninho discreto, um bom ninho fiel,
Para sugar um favo a tres luas de mel.
Anacreonte, o velho erotico divino,

Contente encerraria alli o seu destino,
Pobre, alegre, feliz, sem remorsos, sem dores,
A calvicie jovial sob um chinó de flores,
O copo sobre a meza, a musa sob os joelhos,
Ao ar livre, a cantar os desejos vermelhos,
A belleza, o prazer, a juventude e o sól,
Com a graça d'um merlo e a voz d'um rouxinol.

Vejamos essa estancia idilica e tranquilla.
Mas cuidado! ha lá dentro um padre e um cão de fila.
E ambos mordem. Mas, como ambos roncam a sesta,
Entremos. Logo aqui lo pateo pela fresta
Da tenebrosa adega aberto um poucachinho
Sahe um aroma intenso e rico de bom vinho.
O abade é beberrão. Casca-lhe n.uito e bem.
Lá pinga como a d'elle isso ninguem na tem.
Sabe da poda, é mestre! A adega até dá gosto
Entrar a gente lá n'uma tarde de Agosto.
Que frescura, que acéo e que nectar! Noé
Precisaria ali da capa de Japhet
A todo o instante, e o proprio abade e mais a ama
Tem feito d'essa adega o seu quarto de cama
Varias vezes... O amor pella-se por bom vinho.
Se Venus foi sua mãe, Bacho foi seu padrinho.
Sensata opinião que o nosso abade aprova,
Sobre tudo se o vinho é velho e a mulher nova.
Nos rotundos toneis e nas cubas inchadas,
Panças monumentaes prenes de garga!hadas,
Dormem alegremente e silenciosamente
Os trinta mil pifões que o Padre-Omnipotente,
Em seu alto designio e enfinalta bondade,

Destinou para o odre insaciavel do abade.
E na fresqueira—um rico e secular thesoiro—
Ambrosias ideas velhissimas, cõr de oiro,
Mormuram baixo em voz cristalina e maviosa
Uma canção de amor entre um beijo e uma rosa,
E em que a rosa abre ao beijo as petalas vermelhas
Sob frêmito alado e diaphano de abelhas.
Com tão raro elixir, que è como um sol poente,
Que já não dá calor, mas que illumina a gente,
O proprio Satamaz, faço-lhe essa justiça.
Não tinha repugnancia alguma em dizer missa,
E eu mesmo, é minha vergonhosa conficção,
Mas em suma, que diabo !... eu dava em sachristão !

E junto á dega existe a tulha sempre cheia...
Mas subamos depressa emquanto o abade orneia
A dormir pois se acorda e me conhece, foi-se
A visita e per cima arruma-me algum coice.
Vamos pé ante pé, de vagarinho. A salla
E' vasta e branca. Tem nos muros a adorna-la
Sagrados corações de Jesus flamejantes,
Mães, de Deus com olhar no cèu e dez trinchantes,
A traspasar-lhe o peito, um Pio nono a cores.
Cordeirinhos pascaes, anjos, araras, flores,
Tudo em missanga, e emfim um D. Miguel primeiro
A froque, que eu comprava a peso de dinheiro.
Do tecto enegrecido em bategas jucundas
Pendem bellas maçãs camoesas rubicundas,
Cachos d'uvas ainda a rir, peras marmelas,
Encailhado tudo á volta com morellas.

Em seis bahús de coiro e em arcas de castanho
Guarda o cura o bragal precioso, o rico amanho
Caseirinho,—lençoes d'uma flnura extrema,
A's grozas, rescendendo alecrim e alfazema!
E, segundo se diz, tambem deve haver n'essas
Arcas monumentaes muita somma de peças.
Ao fundo a livraria: uma pequena estante
N'uma banca ordinaria e simples de estudante.
No centro tem um vão com um Christo inaudito
Nas vascas do caruncho agonizando afflictô,
Burlesco manipanço alvar de fórmaz toscas,
Negro—das dejecções sacrilegas das moscas.
Soltos na estante em quatro ou cinco pratelleiras
Ripanços de orações, de sermões e de asneiras,
Que fornecem ha já trinta annos exactos
Pão de espirito ao cura e pão do corpo aos ratos.
E entre os livros ha tudo. E' uma loja de adéllo.
Pacotes com rapé, um baralho, um marmelo,
Esporas, saquiteis com semente, de ervilha,
Garfos, um grande corno, um copo, uma rodilha.
Malgas com marmelada e frascos e m comptas,
E até mesmo um chapéu sebento e um par de botas!
Sobre a mesa o tinteiro e o solideo. E' aberto
Um breviario tal, que cheirado de perto
Fulmina, um breviario exotico, onde enfim
Ha já muito mais seboe traça que latim!

E a todo e qualquer canto em rumas assassinas,
Marmeleiros, bordões e mócas e clavinas.
pendendo sombria e, tragica d'um muro,

Como se fosse a pel' d'um grande monstro escuro,
A loba, um balandrau de dobra espectraes,
Feito para espantar as almas e os pardaes,

Contigua á salla existe a alcova. E' lá que dorme
O hipopotamo. Vede: O catre e desconforme;
Cabiam n'esse vasto enxergão á vontade
A preguiça d'um porco e a luxuria d'um frade,
O cura espapaçado, esbandalhado, ronca,
Inuda-lhe o suor odioso a testa bronca,
O cachaço taurino e as papeiras que vão
Desde o queixo ao umbigo em graça ondulação.
A bôca comilona, erotica, sensual
Traz á lembrança o fauno obsceno e o canibal.
E a dentadura podre, esse armazem de guano,
E' qual desmantelado aqueducto romano.
Que sordido animal! que bândulo! que bojo!
Tem cerdas na cabeça e nas orelhas tojo!
E o nariz? o nariz! que farol! que obelisco!
Pantagrúel deu-lhe a cor, Gargantua deu-lhe o risco.
E' o nariz de Falstaff, epico, em grande gala,
Purpureado e incendiado a fogos de bengala.
De quando em quando a ama, herculea mocetona,
—Um peixão! — sempre alegre e sempre brincalhona,
Vem ligeiro enxotar com precauções imensas
Os insectos sem fê e os moscamos sem crenças,
Que cousam depôr, que horror! a tal coisa indecente
Nos rubros alcantis d'esse nariz ingente.
Eu nunca vi, meu Deus, nariz tão exquisito!
Ruge como um trovão, silva com um apito!

E' talvez o nariz por onde tocará
 Trombeta o Creador no val' de Josaphat ;
 Dos mais complexos sons percorre a escala... alcoolica :
 Umaz vezes imita uma frauta bucolica
 E outras um cavernoso órgão de Rilhafolles,
 Com um grande Titan bebado a dar as folles .
 As vezes um fragor rouco do temporal
 Quer bramir atravez do Himalaia nasal
 Do abade, mas achando os dois toneis do monte
 Entupido de esterco infecto e de simonte,
 Retrocede e lá vai por outro sorvedeiro
 Expluir--com profundo e tremebundo estoiro !...

 Mas que sastifação beatifica se nota
 Na vasta estupidez d'aquella cara idiota ;
 E sabeis porque dorme olimpico e risonho
 O abade ? E' porque teve inda ha pouco este sonho :
 Sonhou ver desfilar, oh ventura illusoria !
 Um prestito pagão, um cortejo de gloria,
 A acclamal-o. Na frente uma vara sombria
 De bazoros roncava em côro esta poesia :

Deus fez o porco para o frade.

Deus destinou-nos os presuntos

Para os seus untos,

Senhor abade.

Grunhamos, pois, grunhamos todos juntos:

Viva o abade ! Viva o abade !

Succediam-se logo em manadas e em bando

Perdizes e perus e patos conclamando :

Patos, perus, galinhas e perdizes
Somos felizes !
Oh, que ventura !
Como é doce morrer tendo a certeza
De bem assados em manteiga ingleza
Ir para a meza
Do senhor cura !
Oh, que ventura ! oh, que ventura !..

N'um carro triumphal trovejava depois
Um tonel arrastado a cem juntas de bois :

O sonho, o canto e a dança
Vivem na minha pança,
Que trilogia !
Sonhar, dançar, cantar !
A tristeza morreu um bello dia
N'um lagar.
Vá, Padre-mestre, com bizzarria !
Cantaro á bôca, toca a virar !

Meu Padre mestre, nunca o teu bico
Provou ainda vinho tão rico,
Sem confeição !
Vinho como este
Nunca o bebeste,
Não !

Vá Padre-mestre, põe-me um repuxo,
Muda-me todo para o seu buxo,
Meu tubarão!
Depois rolemos, ás gargalhadas,
Dando umbigadas,
Dando pançadas
No chão!...

Um gracioso tropel de donzellas formosas,
Frescas e virginaes como botões de rosas,
A saia curta, o rir breigeiro, o arzinho honesto,
Deixando vêr a perna e fantasiar o resto,
Vinha cantando atraz esta canção feliz,
Ao som de theorbas d'oiro e avénas pastoris:

Somos tresentas sessenta e seis,
Olhos maganos, bocas em flor...
Dignas de reis!
E vimos todas, senhor Prior,
Dar-vos aquillo que vós sabeis...
Somos tresentas sossenta e seis!
Um calendario d'anno bisexto,
Feito d'amor!
Livro novinho!... papel e testo!...
Abra-lhe as folhas sem medo ao sexto,
Abra-lhe as folhas, Padre Prior!

Caminhavam por fim, ronceiros, de vagar,
Os grandes carroções da Congrua e Pé de Altar,

Puxados a duas mil parêlhas de jumentos,
Zurrando esta epopeia heroica acs quatro ventos :

Senhor Parocho, toda a freguezia,
 Uns quatro mil onagros,
 Muito magros
Vem trazer isto a Vossa Senhoria.
Desculpe, senhor Parocho, a ousadia...
A offerta é bem mesquinha, é desgraçada.
Uns oitocentos moios simplesmente
De milho, de feijão, trigo e cevada.
E nós sabemos que um tão mau presente
 Para o seu dente
Não chega a nada / não chega a nada!
 Mas é boa a intenção :
Nós reservamos para si o grão,
E para nós a palha unicamente
 Dar ao senhor Prior
Miseria assim, é vergonhoso até...
Mas aceite este mimo sem valor...
Senhor Parocho aceite-o, por quem é!...
E agora, senhor Parocho, a sua benção,
 Porque os onagros pensão
Que ella salva das chammas infernaes ;
 E em paga de tal dom, de tal carinho
Rogaremos ao céo pelo focinho
Lhe permitta engordar cada vez mais.
Boa pinga e bom porco alentejano,
E sempre nedio e alegre e satisfeito!...
Senhor Parocho, viva !... até p'ró anno...

Até p'ró anno... e muito bom proveito!...

O abade, vendo aquella espandosa ovação,
Cresceu como unia torre e inchou como um balão.
E ao mirar-se com garbo heroico e triumphal
Surprehendeu-se de annel e cruz episcopal!
E, impando de vangloria e atonito de espanto,
Inchou mais meia legua e cresceu outro tanto!
Contemplou-se depois com magestade ufana.
E, oh céos! viu-se vestido em porpura romana!
Cardeal! cardeal! cardeal! que honra, que posição!
E subiu de tal forma evante na amplidão
Que o H'malaia, envolto em suas neves eteruas,
Disse a um condor:—Vai ver lá cima aquellas pernas;—
—Cardeal! Não será sonho ou magico feitiço?!
Eu Cardeal!!...—Apertou entre as mãos o tontiço,
E em logar d'um chapéu tingido com zurrapas,
Encontrou o diadema olimpico dos papas!
Papa!... E de tal maneira ergueu a fronte sua
Que com ella partiu os chavelhos da lua!
Em torno do nariz e á volta das orelhas
Zumbiam-lhe tremendo os astros, como abelhas.
Ser papa! ser rei do céu e o rei do mundo!
E lá do alto do abysmo esplendido e profundo
Lançou o mar e á terra a sua benção sagrada.
E o mar mudou-se em vinho e a terra n'uma empada!
E o colosso voraz, de vêr coisas tão bellas,
Debruçou-se, agachou-se, escancarou as guelhas,
E enguliu d'uma vez o assombroso follar,
Bebendo-lhe por cima o vinho todo—o mar!

Depois empanturrado, inflado, um pouco torto,
Atirou-se a dormir mais pesado que um morto,
Arrotando trovões

.....
E em quanto o abade ronca e grunhe sem cuidados
Dobram plangentemente os sinos afinados,
Cortam o espaço os ais do estertor derradeiro,
E entre as germinações frescas do bom lameiro
A ègoa abacial c'oa respectiva cria,
(A quem, se fosse d'elle, o abade chamaria
Afilhada) lanzuda opipara, pacata,
Livre, sem albardão, sem freio e sem arreata.
Na monastica paz dos ventres satisfeitos
Com luserna viçosa e tenra até os peitos
Envolta no esplendor fulvo do sol poente,
Mansa, fitando o azul,—rincha orthodoxamente!



O GENESIS

Jehovah, por alcunha antiga—o Padre Eterno
 Deus multissimo padre e muito pouco eterno,
 Teve uma ideia suja, uma ideia infeliz :
 Poz-se a esgaravatar co-o dedo no nariz,
 Tirou d'esse nariz o que um nariz encerra,
 Deitou depois isso cá baixo, e fez a terra.
 Em seguida tirou da cabeça o chapéu,
 Pol-o em cima da terra, o zás, formou o céo.
 Mas o chapéu azul do Padre'Omnipotente
 Era um velho penante, um penante indecente,
 Já muito carcomido e muito esburacado'
 E eis ahí porque o céo ficou todo estrellado.
 Depois o Creador (honra lhe seja feita!)
 Achou a sua obra uma obra imperfeita,
 Mundo serrafaçal, globo de fancaria,
 Que nem um aprendiz de Deus assignaria,
 E furioso oscarrou no mundo sublumar,
 E a saliva ao cahir na terra fez o mar.
 Depois, para que a Egreja arranjasse entre os povos
 Com bulas da cruzada alguns cruzados novos,

E Tartufo podesse inia d'essa maneira
Jejuar, sem comer de carne á sexta feira,
Jehovah fez então para a crença devota
A enguia, o bacalhau e a pescada marmota.
Em seguida metheu a mão pelo sovaco,
Mais profundo e maior que a caverna de Caco,
E arrancando de lá parasitas extranhos,
De toda a qualidade e todos os tamanhos
Lançou sobre a terra, e d'este modo insonte
Fez elle o megatheiro e fez o mastodonte.
Depois, para provar em summa quanto póde
Um Creador, tirou dois pellos do bigode,
Cortou-os em milhões e milhões de bocados,
(Obra em que elle estragou quatrocentos machados)
Dispersou-os no globo, e foi d'esta maneira
Que nasceu o carvalho o platano e a palmeira.

.....

Por fim com barro vil, assombro da olaria !
O que é que imaginaes que o Creador faria ?
Um pote ? não ; um bicho, um bipede com rabo,
A que uns chamam Adão e outros Simão. Ao cabo
O pobre Creador sentindo-se já fraco.
(Coitado, tinha feito o universo e um macaco
Em seis dias !) pensou :—Deixem-nos de asneiras.
Trago já uma dôr horrivel nas cadeiras,
Fastio... Isto dá cabo até d'uma pessoa...
Nada, toca a dormir uma sonata boa!—
Descalçou-se, tirou os oc'los e chinó,
Pitadeou com delicia alguns trovões em pó,

Abriu, para cair n'um somno repentino,
O alfarrabio chamado o livro do Destino.
E enfiando bem a carcassa caduca,
Com o barrete azul celeste até á nuca,
Fez orthodoxamente o seu signal da cruz
Como qualquer de nós' tossiu, soprou á luz,
E de pança p'ro ar, n'um repouso bemdicto,
Espojou-se estirou-se ao longe do infinito
N'um immenso enxergão de nevoa e luz doirada.

E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada.



FANTASMAS



O vigario de Deus na terra disse um dia
 Aos batalhões do clero :
 Tragam-me o manto d'oiro e seda que cobria
 As espadas de Nero.

E trouxeram-lhe o manto, um manto do brocado,
 Da purpura mais fina,
 Com escarros de lodo obsceno, inda empastado
 No sangue de Agripina.

E o papa continuou : « Preciso armar o braço,
 Para dictar as leis ;
 Fabriquem-me uma espada enorme com o aço
 Das espadas dos réis. »

E trouxeram-lhe o gladio. O papa ficou mudo,
 N'um assombro d'espectro.
 De subito exclamou : « Ainda não é tudo ;
 Tragam-me agora um sceptro ! »

Trouxeram-lh'o. E depois d'um silencio profundo
 Rugiu como um leão :
 «Tragam-me agora o mundo !» E pozeram-lhe o mundo
 Na palma da sua mão.

E sepesando o globo e arrancando o montante
 Enorme da bainha,
 Bradou pela amplidão: «Sou Jupiter-tonante !
 Humanidade, és minha !

Eu tenho o gladio e o sceptro, a excomunhão e a bulia ;
 Sou o Deus, sou a Fé.
 Miseravel reptil, Humanidade, oscula
 A ponta do meu pé ! »

E sentando-se sobre o coração da Italia
 O satrapa romano
 Estendeu desdenhoso o bico da sandalia
 Para o genero humano !

II

N'esse instante um fantasma entrou nos regios paços,
 Sereno e formidavel.
 Encarou fixamente o rei, cruzando os braços
 No peito inabalavel,

E trovejou, deixando o papa sacrosanto
 Livido, espavorido :
 « Sou a Fraternidade. Entrega-me esse manto
 E essa espada bandido ! »

Despedaçou-lhe o gladio e a tunica purpurea,
E sahiu triumphal.
E o papa horrorisado, espumando de furia,
Uivou como um chacal :

« Nesta invencivel mão d'abutre encar
Guarda o melhor thesoiro.
Ficou-me ainda o sceptro. Era de ferro a espada...
Prefiro o sceptro... é d'oiro!

E o papa viu então, oh tragica anciedade
Um vulto sobrehumano
Avançar e bramir : — O meu nome é Egualdade ;
Dá-me o sceptro, tyranno !—

Quebrou o sceptro e foi-se. E o papa, como um lobo
Sombrio respondeu :
« Na minha forte mão ainda sustento o globo...
Ainda o globo é meu !... »

E desatou a rir... um riso sanguinario
De panthera. Depois
Surgiu novo fantasma herculeo, extraordinario,
Maior que os outros dois.

E como o rebentar potente d'um trovão
Que abala a immensidade
O fantasma rugiu :— Não me conheces, não!
Chamo-me a Liberdade!

« Venho buscar o mundo. Entrega-o, salteador!
E' meu o globo, harpia! »
E arrancou-lh'o. Soltando um grito, no estertor
Convulso da agonia,

Tombou por terra o papa. E repentinamente
Viu surgir-lhe do lado
Um esqueleto a rir, todo fosforescente,
Podre, desengonçado,

Que he disse :—Morreu, ó Papa, o nosso imperio,
Morreu o mundo antigo.
Tu chamas-te Alexandre, eu chamo-me Tiberio...
Vem-te deitar commigo!...

E como um caçador fantastico que leva,
Sangrenta e moribunda,
Uma hyena a gemer, de rastos, pela treva
N'uma noite profunda,

O esqueleto levou para a crypta sombria
O cadaver do irmão,
Indo dormir os dois na eterna mancebia
Da mesma podridão!



Post scriptum

Quando eu morrer abram-me o peito
E d'esta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o carcere era estreito,
Meu velho e altivo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
Sem um murmúrio de oração,
Lancem-no assim, vai satisfeito,
A' valla obscura, á podridão,

Para que durma e se desfaça
No lodo amargo da Desgraça,
Por quem bateu continuamente,

†
Como um tambor que entre a metralha
Estoira ao fim d'uma batalha,
Rouco, furioso, ancioso, ardente!



Nota

Em seguida á morte de D. João comecei a escrever um novo poema— *A Morte do Padre Eterno*, (1) cujo plano completo, até aos minimos detalhes, estava de ha muito elaborado no meu espirito.

Mas em torno d'esta ideia principal germinou um grande numero de ideias accessorias, d'onde nasceu um livro novo *A Velhice do Padre Eterno*, collecção de 50 poesias, que são 50 balas que, partindo de diversos pontos, vão todas bater no mesmo alvo.

Em 1879 estava adiantada a *Morte do Padre Eterno* e quasi concluida a *Velhice*.

Uma enfermidade de quatro annos successivos interrompen a obra

Volviendo a saude, voltou o trabalho. O trabalho nasce espontaneamente da alegria, como um fructo nasce espontaneamente d'uma flôr.

(1) *A Morte de Jehovah* era o titulo primitivo.



Publico hoje o 1º volume da *Velhice do Padre Eterno*. O 2º, já na imprensa, sahirá a luz com brevidade. No 1º volume predomina a satyra, no segundo a epopeia. Os dois completam-se. A critica, só reunidos, os poderá julgar inteiramente.

Creio, se a saude me não faltar, que a *Morte do Padre Eterno* dentro de um anno estará impressa.

E depois de morto D. João e morto Jehovah, resta-me resuscitar Jesus e desagrilhoar Prometheu.

Esse ultimo poema, o *Prometheu Libertado*, será o fecho da trilogia, o complemento da minha obra.

Terei os annos de vida necessarios para escrever esse livro? Não sei; no entanto rogo a Deus do fundo da minha alma que me deixe terminar com um hymno de esperanza e de harmonia uma batalha da coleras e de sarcasmos.

O plano está concebido ha muito. A ideia é simples e creio que bella. A primeira parte é a epopeia do Trabalho, a glorificação de Prometheu pela humanidade e pela natureza.

Na segunda parte de Jesus Christo, levantando-se do seu tumulo, vem fulminar o abutro e desacorrentar Prometheu.

O heroe e libertado pelo santo. A crença e a sciencia, a rasão e a fé, depois d'um combate de milhares de seculos reuñem-se finalmente n'uma paz luminosa, n'uma commuñhãõ indestructivel.

A liberdade de Prometheu significa o desaparecimento de todas as tyrantias, e a resurreiçãõ de Jesus a morte de todos os dogmas. Um é a justiça humana, e outro a aspiraçãõ immortal para uma justiça absoluta. O Caucaso e o Golgotha ficam sendo para a humanidade os dois grande altares da religiãõ eterna Futurot

Julho—1885.

GUERRA JUNQUEIRO.



L
45938